5.º DA 3.ª SERIE. N.º 29. 21 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 10 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 1.

Agradecendo aos Jornaes, que se-serviram prestar lealmente ouvidos á recommendação á *Imprensa Periodica*, por onde começa o nosso precedente numero, sentimos vêr que os compositores de outros lhe não deram importancia. Repetimos pois *mui formalmente*, que todos os artigos de que esta Folha se-compõe são *propriedade particular*; e que nem seus authores nem a Redacção consentem em que sejam transcriptos, sem que se-especifique *no fim de todos e cada um* o titulo *Revista Universal Lisbonense* — Os nossos collaboradores, que nos-têem remettido numeros e importantes escriptos ainda não publicados, devem attribuir esta omissão á multiplicidade de assumptos, que por sua natureza não podiam esperar. — Outros artigos temos recebido, de incontestavel merecimento, porém que não entram no plano do Jornal, e ficam á disposição de seus authores.

CONHECIMENTOS UTEIS.

256 MULTICAULES EM PORTUGAL.

Grande crescimento nos-está promettendo á nossa industria a facil plantação das multicaules n'este abençoado torrão de Portugal. A cultura, e fabríco da seda é fonte tão rica no commercio, que seria por demais, se quizeramos fallar do seu grandissimo valor. O que nós tornamos a recommendar n'este artigo, bem que já o-tenhamos aconselhado em o n.º 10 da 1.ª serie, é o cuidado e actividade em plantar as multicaules. Com este pasto se-criam e cevam os bichos de seda com toda a perfeição; e por consequencia o cazúlo, que formam, é muito farto e bem refeito; e a qualidade da seda tão excellente, que pode igualar em mimo a mais gabada da Europa. Não dizemos com isto, que a folha das amoreiras brancas não seja propria, antes a-julgamos muito boa para este fim: mas aquell'outra planta reune a vantagem, como já dissemos, de ministrar pasto aos gados, e de medrar com facilidade por toda a parte. O Sr. Sales continua a fazer n'este ramo um grande serviço ao nosso paiz. O anno passado, a sua plantação d'amoreiras subiu a mais de sete mil pés: e presentemente os viveiros estão no melhor estado, a que poderiam chegar em tão pouco tempo: tem alem disto fornecido de grandes porções de sementes aos Administradores Geraes de Vizeu, Aveiro, e Beja, e a muitos particulares, que tão louvavelmente se-empenham em promover este precioso ramo da nossa industria, e cujo exemplo esperamos ver seguido geralmente por todo o reino, como é razão em cousa tão facil, e de tamanha utilidade. — Tambem o Sr. *Sales* se-encarrega de mandar fiar os cazúlos com perfeição, e economia por conta dos seus donos; ou os-compra a quem desejar antes vendel-os assim.

Reservaremos para outro artigo o darmos algumas instrucções sobre a melhor maneira de tractar os bichos; que posto seja couza tão commum o cria-los, que até crianças, e rapazes o-fazem; com tudo alguma cautela se-deve pôr nisso, para que o producto possa fundir maior proveito, tanto em quantidade, como em qualidade.

Concluiremos, pedindo á Camara Municipal de Lisboa as providencias, que julgar mais acertadas para evitar os estragos, que os rapazes costumam fazer nas arvores, trepando por ellas, e cavalgando nos ramos, com que as-desgalham e arruinam muito, alem do desperdicio que fazem nas folhas, que arrancam, e fingem estimar por disfarce, do engodo das amoras, que lá os-leva. *N.*

N. B. Julgamos que a Camara acaba de providenciar sobre este ultimo assumpto.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 326.)

INGLATERRA.

257 O custo do transporte dos passageiros e das fazendas é o seguinte:

Por passageiro, por milha:

Estradas communs em diligencias, termo medio	54	reis.
Canaes em vapores	«	21
Estradas de ferro	«	56

Por fazendas, por milha:

Recovagem ordinaria em estrada commum	4 rs.	por arroba por	15 milhas.
« accelerada	dito 7	«	«
« ao tróte	dito 20	«	«
Barcos á sirga em canal	1	«	4
Estrada, ferro, carga geral	3	«	10
Cal	1	2	1
Carvão de pedra	1	2	1
Manufacturas	1	1	1
Carneiro vivo	28	um	1

E a velocidade em cada uma destas especies de transporte vem a ser tambem a que se segue

Diligencias em estrada commum	7 a 10 milhas por hora		
Recovagem ordinaria	dito	2½	«
accelerada		50	dia

Barcos de carga em canaes	$1\frac{1}{2}$	hora
Dito vapor d.º para passag.os	5 $7\frac{1}{2}$ 10 $12\frac{1}{2}$	«
Caminhos ferro para carga geral	10	«
Dito passageiros	15.20.30	«

Posto que, comparando o custo nas diligencias para os passageiros, este seja de 54 réis, e na estrada de ferro de 56 réis de que se paga 2 réis de direito ao Estado, devemo-nos lembrar que se-vai por esta em uma terça parte do tempo que se-vai por aquellas; e que esta economia em tempo, se em Portugal não vale, em Inglaterra é muitissimo de apreciada. Na carga porém, economisa-se pela estrada de ferro, tanto em tempo como preço, com summa vantagem, porque se-dá o mesmo frete por tres vezes o caminho andado. E sendo a conducção dos canaes a mais barata que se-conhece, comtudo ainda a estrada, custando o mesmo, transporta quatro vezes mais depressa.

Calcula-se, por orçamentos recolhidos de algumas partes, para servirem de texto e base ás leis passadas a favor de differentes caminhos de ferro, que viajaram pelas *diligencias* entre

	Passageiros por dia	E depois pelos caminhos de ferro.	
Manchester e Liverpool	400	1620 ou + 300	por cento
Stockton e Darlington	130	630 ou + 380	
Newcastle e Carlisle	90	500 ou + 455	
Abreath e Forfar	20	200 ou + 900	Rel.º B. Dupin 1840

O computo total de viajantes que se-servem hoje do novo vehiculo inventado para o seu transporte, presume-se ser de não menos de 15,000,000 por anno, não passando a sua circulação anteriormente pelas estradas antigas de mais de 3,250,000. As fazendas ainda tiveram muito maior incremento. Essas decuplaram logo.

O aperfeiçoamento da invenção do vapor applicado á navegação dos canaes, tambem elevou o seu movimento consideravelmente, porque receando-se que os seus alvéos só se-poderiam aproveitar para caminhos de ferro, o seu valor se-depreciou temporariamente muito, mas agora está outra vez ao par do dos caminhos de ferro. O canal de Paisley que não transportava em 1831 mais de 258 passageiros, hoje tem dias em que ha de transportar acima de 3000.

As estradas velhas, como era de esperar, soffreram bastante com estas innovações, mas não tanto como se-suppunha, porque posto que as reaes, que corriam parallelas com os caminhos de ferro e os canaes, soffressem, as que eram transversaes augmentaram de transito, porque por ellas deviam ir buscar-se e levar as mercadorias e os passageiros aos pontos respectivos da sua introducção nas linhas dos grandes troncos. (Mackinnon. parl. deb. 5 Março 1839.)

Não tendo nós por ora os meios de canalisar o paiz e menos ainda de fazer nelle caminhos de ferro, convém destruir algumas prevenções, tanto mais perigosas, quanto tem sido enunciadas por pessoas de pêso e por tanto que dão cunho de authoridade a tudo o que dizem. Nas camaras legislativas e especialmente na dos Senadores, quando se tem fallado neste objecto, tem-se argumentado notavelmente com o exemplo da Inglaterra, que não é possivel fazer-se estrada alguma pelo systema de barreiras. Contestando esta asserção; primeiramente a Inglaterra não é o paiz aonde se-faça mais carriagem por terra: havia, antes dos caminhos de ferro, os canaes que levavam todas as fazendas. Quem tiver observado, viajando por Inglaterra, ha de ter tambem reparado que eram somente de certa classe para cima, as pessoas que usualmente occupavam as diligencias e malas do correio. Esta mesma especie de aristocracia passou para os caminhos de ferro, como eu hei de mostrar mais tarde quando fallar da Belgica e da França. Deve-se pois já vêr, como consequencia, que aquelle paiz não era o mais asado para assentar nelle a exemplificação. Em segundo logar, Mac-Adam com ter feito, ou refeito, todas as estradas quasi da Inglaterra, nunca fez nenhuma para si; eram todas por conta de quem de direito, que nunca foram emprezarios; eram os condados e outras competencias territoriaes, os quaes depois de fazerem por lei a despeza dellas, foram pondo as barreiras para aliviar o *rate* (contribuição local) a que são obrigados para a sua conservação; pouco importa a amortisação e menos ainda o beneficio, a que ninguem tem direito por ellas. Se essas barreiras dão para todo o costeio e para amortisar o seu custo, excellente achado vem a ser esse, mas senão, continúa uma e outra cousa a pesar sobre a instituição, sem attenção á origem. A causa do erro que assoalharam algumas pessoas, quando foi esta discussão, provavelmente nasce de ellas ignorarem que os fundos para ellas se fazerem desde 1767 alli, foram alevantados sobre hypotheca dessas barreiras, e que não rendendo ellas bastante agora para solver os juros delles, os hypothecarios que os-mutuaram, se-acham por conseguinte prejudicados em 80 milhões de crusados, do que com toda a razão se-queixam, e pedem remedio ao Parlamento. Elles comtudo não foram os constructores, nem são os administradores das suas rendas. Eu não insistirei em que me-acreditem sob palavra e trarei um testemunho abonado para minha desobrigação, que é Mac Culloch Dict. Com. Verb. Roads, o qual traz, que do rendimento de libras 646,238 — que já assignalei para as estradas reaes, saíram para

Juros da dívida sobre hypotheca: libras	236,629. —
Expropriações, etc.	56,263. —
Pagamento por conta de capital	243,757. —
Juros sobre dito	65,271. —
	lib. 601,920 —

Aqui temos que 36 por cento se-vão para expropriações, amortisação, e juros de capitaes, que sabe Deos como foram empregados, visto a sua administração correr por mãos irresponsaveis quasi na gerencia delles, o que não succederia a um emprezario particular. *(Continuar-se-ha).*

Claudio Adriano da Costa.

O seguinte interessante artigo do nosso illustre collaborador, o Sr. *Barreiros*, acha-se em nosso poder ha 20 dias, sem que a falta de espaço nos-tenha permittido publical-o. No *Diario do Governo* de 19 do corrente, apparece sobre o mesmo assumpto um notavel officio do Sr. *Barão de Monte Pedral*, porém devemos á verdade declarar que, por culpa nossa, não viu primeiro a luz a memoria do Sr. *Barreiros*.

ESPINGARDA DE PERCUSSÃO — SYSTEMA PORTUGUEZ.

258 Tivemos occasião de vêr a espingarda de percussão, a que podemos chamar portugueza, porque o seu inventor é um Capitão de Artilheria, nosso conterraneo, o Sr. *José Marcellino da Costa Monteiro*; e jul-

gamos dever chamar a attenção pública para este objecto, que é de maior importancia do que geralmente se-pensa: aos militares principalmente convidamos, para que examinem aquella espingarda, e communiquem a seu author quaesquer reflexões tendentes a melhoral-a, persuadidos como estamos de que elle as-adoptará com gosto, apenas se-convença da sua utilidade.

Ninguem ha, que não tenha visto alguma das muitas espingardas de caça com fechos de percussão, que andam espalhadas por todo o Reino, e bem assim as capsulas fulminantes, com que se-escorvam, e o modo de as-applicar: esta consideração nos-dispensa de descrever a espingarda de percussão adoptada na *Belgica* para uso da Infanteria, a qual tendo sido mandada vir daquelle paiz, e sendo submettida á experiencia no nosso Arsenal do Exercito, suscitou o novo systema proposto pelo Sr. *Monteiro*.

Convém advertir, que no systema belga, um arame de latão recosido, ou destemperado, prende a capsula ao cartuxo; de modo que o soldado, depois de tirado o mesmo cartuxo da patrona, reveste com a capsula o alto da chaminé, na qual existe o ouvido da arma, e puxando depois pelo cartuxo, sáe de dentro delle, com um pedaço de papel que se-rasga, a porção do arame que ahi se-achava, passando então o soldado a arma ao lado esquerdo para a-carregar, como está em uso.

Ora eis-aqui os inconvenientes deste systema:

1.° As continuadas percussões do cão-martello vão successivamente fazendo esbeiçar a superficie superior da chaminé, ou formando uma especie de rebarba, que lhe-augmenta o diametro. Passado certo numero de tiros, já as capsulas de escorva, todas de dimensões constantes, guarnecem mal a chaminé, ficando o fundo daquellas muito distante do alto desta, e os respectivos planos mais ou menos inclinados entre si, e d'ahi resulta, ou cahirem as capsulas, quando os soldados passam a arma ao lado esquerdo, havendo perda de tempo em apanhal-a, ou substituil-a, e deixando em duvida se existem no seu logar, se fôr de noite; — ou quando não cáia, fica situada de modo, que é ferida de esguelha pelo cão-martello, o que algumas vezes faz falhar o tiro. — Quer se-lime a rebarba, quer não (o que de certo não se-póde praticar na presença do inimigo), continuando as pancadas, a chaminé fende-se, ou racha-se, e a arma torna-se dahi em diante, até que se-lhe-articule nova chaminé. — A experiencia mostrou que a chaminé Belga não atura, termo medio, mais de 44 tiros. — O augmento do seu diametro, com quanto a-fizesse mais resistente contra os choques do cão-martello, traria comsigo o augmento de dimensões, e por conseguinte de despezas das capsulas, tornando tambem maior o inconveniente que se-segue.

2.° Algum dos fragmentos em que a percussão do cão-martello divide a capsula, sendo impellido pelos gazes da polvora fulminante, póde ir ferir um olho, ou a cara do atirador. — Ora se a cuspidura dos grãos comburentes da escorva das armas de silex, excita naturalmente os soldados a afastarem a cabeça no acto de darem ao gatilho, de que resultam tão más pontarias, que não será, quando em vez do receio de ser offendido pela percussão de alguns grãos de polvora, o soldado tiver o de ser ferido por um fragmento metalico da capsula? É de crer que perderá toda a confiança em uma arma, que por este simples facto se-lhe-mostra inferior ás actuaes armas de silex.

Vejamos como se-evitaram estes inconvenientes no systema portuguez.

Deu-se quasi o duplo de diametro á chaminé, conservando da mesma grossura a rôsca com que se-atarracha no cano. — Em logar de vestir ou guarnecer com a capsula o alto da chaminé, introduziu-se a mesma capsula no chanfro que o cão-martello tem na base da sua pena ou batente, fixando-a ahi do modo que logo diremos; do que procede que a chaminé, por isso que recebe a pancada em uma superficie quasi tres vezes maior, ha de resistir por muito mais tempo, e que a capsula (que é dez vezes mais leve do que a Belga, e está igualmente prêsa ao cartuxo) embora se desfaça em estilhaços, todos elles ficam dentro do chanfro do cão-martello, entalados contra a chaminé, sem que possam ser expellidos pelos gazes da polvora, nem extrahidos desse logar antes de se levar o cão-martello á posição do descanço.

O cão-martello é semelhante ao da espingarda belga, tendo mais do que elle, um grampo ou gancho, aonde engata a azêlha, pela qual termina exteriormente o arame a que está prêza a capsula; e um botão, a que se-prende, dando-lhe duas voltas, a outra extremidade do mesmo arame. — Dois entalhes feitos em pontos diametralmente oppostos da corôa que rodeia o chanfro do martello, servem para por elles passar o arame de que ha pouco fallámos, ficando bem esticado, e deixando a capsula no seu logar. — Ambos os entalhes correspondem ao plano que dividiria o grampo em duas partes iguaes e symetricas, e o botão fica a um quarto de circumferencia do grampo, para o lado exterior.

A configuração da capsula é a de uma calota esferica, com duas orelhas, por onde passa o arame que a-prende. No fundo della existe um furo de 5 pontos de diametro destinado, não só para segurar a polvora fulminante, e tirar todo o receio de que a capsula se-divida em estilhaços, mas tambem para communicar sempre a flamma á carga, qualquer que seja a maneira pela qual fique collocada no chanfro do cão-martello, isto é, com a concavidade voltada para a chaminé, ou vice-versa.

Pelo que deixamos expendido se-vê, que o Sr. Capitão *Monteiro* conseguiu evitar na sua espingarda os defeitos da espingarda Belga, merecendo por isso muitos louvores, e os sincéros agradecimentos de todos aquelles, que não estão tocados do fatal indifferentismo pelas nossas cousas.

¿Mas será só o tempo necessario para estudar o modo de aperfeiçoar o systema percutente, que tem demorado até agora a sua applicação definitiva ás armas de guerra, nas diversas Nações que se-occupam deste objecto, ou terá grande parte nessa especie de hesitação, nessa demora, a passagem de um systema, defeituoso sim, mas simples, para outro mais perfeito, porém ao mesmo tempo mais complicado? — E com effeito, nada ha mais facil do que a feitura e o uso do actual cartuxame, aonde a carga e a escorva, por serem da mesma polvora, vão juntas, e se-conservam sem risco nem damno em poder do Soldado; em quanto que, além de cartuxos iguaes a estes (só com menos uma pequena porção de polvora)

o systema percutente exige capsulas de cobre para escorvas, arame para as-prender, e outra especie de polvora, a fulminante, para fazer a qual é necessaria aptidão especial, e que só se-deve fabricar na occasião de a-applicar ás capsulas. Exige mais, em quasi todos os systemas percutentes, uma nova peça, a chaminé, articulada ao cano por meio de rôsca, que as contínuas percussões do cão-martello fazem a final alluir, dando por ahi sahida a uma porção dos tenuissimos gazes da carga; o que torna cada vez menor a força do tiro, e gasta o vivo dos passos de rôsca.

É verdade que com os fechos de silex, não obstante picar-se a pederneira de vez em quando, a arma erra fogo com frequencia, e a quantidade arbitraria de polvora, que o Soldado deita na cassolêta para escorva, torna variavel a carga, e por conseguinte o alcance e a justeza de um para outro tiro; mas haverá toda a certeza de que o novo systema de fechos de percussão, posto que erre fogo muito menos vezes, tem sufficiente solidez para o serviço? As capsulas, contendo a escorva fulminante, não correrão risco de se-arruinarem, ou mesmo de se-incendiarem nos choques e fricções a que estão sujeitas, quer transportadas pelo Soldado, quer em carga, ou em carro? Será sempre facil e expedíto, de noite como de dia, e nas mais baixas temperaturas da athmosféra, collocar a capsula no logar conveniente dos fechos, não obstante a commum falta de destreza do Soldado, e mórmente quando tiver as mãos entorpecidas? — São estes os quesitos que convém decidir experimentalmente, assim em particular, como em publico, de modo que a todos se-torne evidente a superioridade do novo sobre o antigo systema. Quando as cousas chegarem a este ponto, e nós assim o-esperamos, a espingarda de Infanteria terá recebido um verdadeiro aperfeiçoamento, que por ora, e até então, se-póde considerar problematico. *F. J. Barreiros.*

NOVO E EXCELLENTE SYSTEMA DE ILLUMINAÇÃO.

259 Grande é a nossa satisfação, todas as vezes que se-apresenta uma opportunidade de noticiar melhoramentos da industria, mórmente quando offerecem, como o de que vamos occupar-nos, o cunho da verdadeira utilidade.

Acaba de descobrir-se em París um composto liquido, a que lá dão o extravagante nome de *Gás hydrogeneo liquido portatil*, de que algumas garrafas foram trazidas a esta Capital, aonde por seu delegado sollicíta a Companhia Franceza um privilegio, que lhe-disputa o Sr. *Carlos Gomes Barreto*, habil pharmaceutico, ao qual se-deve a analyse da substancia e a descoberta do segredo.

Não queremos por agora descer a particularidades. Todavia julgamos poder afiançar que este liquido sobreleva muito ao azeite, entre outras, pelas seguintes vantagens:

1.° Suppre perfeitamente, e sem difficuldade o azeite de oliveira.

2.° É applicavel á illuminação de todas as especies, da casa, da rua, da loja, do theatro, da sala.

3.° A luz produzida por elle é mais intensa e clara.

4.° Não gera fumo, nem incommoda o olfacto.

5.° Pode servirem quaesquer lanternas usuaes, só com uma leve alteração nas grisetas.

6.° Ainda quando qualquer recipiente caia, e se-espedace, o liquido não deixa nodoa.

7.° E em fim (este é em nossas terras o cúmulo do bello), as substancias de que se-compõe são tão communs na natureza, e especialmente em Portugal, que o custo do liquido é consideravelmente inferior ao do azeite, que substitue.

O Sr. *Barreto* tem, desde a noute de hontem, alumiado a sua Botica, rua direita do Loureto n.° 65, com este liquido por elle mesmo preparado, e alli poderá o público observar os resultados de um invento, que vai desde já mudar o systema de illuminação.

José Feliciano de Castilho.

A NECESSIDADE DOS POÇOS ARTERIANOS EM *LISBOA*, E DE UM MELHOR METHODO DE DISTRIBUIR AS AGUAS PELAS CASAS. — NOVAS LEMBRANÇAS Á CAMARA MUNICIPAL.

260 Não cessa o nosso digno correspondente, o Sr. *C. X. Pereira Brandão* (tanto é seu zêlo pelo bem público) de nos-dirigir bellos artigos sobre varias materias: mas ao público, e a elle é força que manifestemos nosso pezar de não podermos offerecer-lhes neste jornal a íntegra destes escriptos; pois que sua diffusão, qual muitas vezes o objecto a-requer, tresbordaria com excessiva sobejidão os limites, a que têem de ser amoldadas as diversas materias, que aqui podem caber. Nem o merecimento dellas, nem outros respeitos nos-poderiam dar por absolvidos de culpa e pena de havermos violado o nosso programma em parte tão substancial, como é a distribuição dos assumptos: elle para nós é uma lei, é escriptura de um contracto solemne, a que devemos responder; e ao público toca o direito de reclamar qualquer violação. Em tal aperto julgámos acertado meio de nosso desempenho extrahir para aqui o que entendemos ser de maior tomo, resumindo á brevidade de um só artigo, o que déra largo volume para muitos.

Na parte que toca á necessidade dos poços arterianos discorre o Sr. *Brandão* sobre o grande valor da agua, e das vantagens, que resultam a qualquer cidade da sua abundancia e fartura, fazendo sobre este thema muitas considerações economico-politicas, e hygienicas... Mostra que em *Lisboa*, e seus suburbios não ha a abundancia e fartura, que é necessaria para os differentes usos de uma capital; e até prova pelas synopse dos actos administrativos da Camara Municipal de 1837, que pelos redores do jardim do tabaco, e Fundição de Baixo ha falta d'agua no verão; e que dando-se no mesmo documento noticia de se-haver achado um encanamento de chumbo, que vai dar a um poço de muita, e mui boa agua no sitio de Pena-Boquel, claro fica que por essas partes seria muito facil abrirem-se poços artesianos. — D'outro poço muito copioso na Porcalhota, em o quintal das casas do Sr. *Antonio José Gonsalves*, nos-dá noticia o Sr. *Brandão*, e mostra a utilidade que aquelles logares haveriam de um poço artesiano, que além dos mais usos da vida poderia dar rega ás arvores da estrada..... Por ultimo expõe a opinião de pessoa intelligente, que affirma ser facil conhecer os logares, onde com melhor acerto se deveriam abrir estes poços, explorando as vertentes, que correm para o Téjo, cuja direcção, quantidade, e qualidades de suas aguas fôra facil observar..... O outro meio nos-aponta de augmentar a quantidade da agua na capital, qual é o de

fazer muitos mais encanamentos, e aproveitar toda a que se-derperdiça... No artigo, que se-refere á distribuição das aguas pelas casas, além de muitissimas considerações proprias, expõe a doutrina do habil economista francez Mr. J. B. Say, para onde nós encaminhamos os nossos leitores, que desejem estudar a materia. O que por certo é muito curioso neste artigo, é o computo, que o Sr. *Brandão* faz da despeza feita em *Lisboa* e arrabaldes com a agua: e suppondo a sua população de trezentos mil habitantes, que vem a ser um terço da de París, calcúla, servindo-se das hypotheses daquelle economista, e guardada a justa proporção, em dous milhões de francos, ou trezentos e quarenta contos, o cabedal, que todos os annos nos levam os gallegos unicamente com a venda da agua. — Esta boa somma, e a idéa de pôr em melhor segurança a fazenda, e honra de muitas casas devassadas por estes estrangeiros, e constantemente expostas a grandissimos damnos, são consideradas pelo Sr. *Brandão* com todo o zêlo de um bom portuguez, e lembra o plano de se formar uma companhia que tome sobre si o fornecimento da agua necessaria aos habitantes de *Lisboa*; e depois de dar largo desenvolvimento a esta bella idéa, pede á Camara Municipal, que, pois não póde tomar por sua conta esta empreza, como o fez a *Municipalidade* de París, ao menos anime, e promova a execução de tão util plano. Passa depois a inculcar novamente os logares onde esta companhia poderá abrir poços artesianos... e por fim termina recommendando que se-consultem os homens entendidos nesta materia, e particularmente algum membro da companhia de Londres, para que com todo o acerto, e bom cálculo possa prosperar entre nós uma tal empreza, que nos-augmentará a saude, fazenda, civilisação, e aceio. *N.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

UM IMPERIO QUE DEOS NOS DEU A CREAR.

Abril 24 de 1500.

261 Era já por esses tempos o nosso Portugal senhor de meia *Africa*, e grão parte da *Asia* — quando partindo a continuar os descobrimentos do *Gama* — o não somenos esforçado e nobre cavalheiro — *Pedr' Alvares* — capitaneando uma poderosa Armada, apoz um mez de tormentosa navegação, deu neste dia em uma grandissima costa de terra firme, em paragem onde jámais viera ao pensamento de homem que a-podia haver: estavam na *America!* — Deputou *Pedr' Alvares*, alguns dos seus para a-explorar — e com tão boas novas se-recolheram, — que todos saíram em terra, a dar graças a Deos por meio de Missa e pregação, feito o que antes de se partirem, cravaram sobre uma arvore em alto monte uma *Cruz*, cujo santo nome deram a tão vasta Provincia, que ao depois se-trocou pelo de *Brasil*, do páu que a terra dá.

O nosso *João de Barros*, lamentando tal arbitrio, diz com todo fogo christão d'aquellas boas eras — «*Como que importava mais o nome de um páo que tinge pannos, que d'aquelle Divino páo que deu tinta e virtude a todos os sacramentos porque fomos salvos.*» Tambem pela bondade do clima, fermosura e fortilidade da terra, de que tão incriveis como verdadeiras descripções se têem feito, se lhe chamou — *a nova Lusitania.*

Esta Provincia, que foi o mais precioso achado de todos quantos esses mares nos-depararam, — este Imperio — que nós baptisámos — que aleitámos com as nossas doutrinas — a quem ensinámos a nossa lingua — a nossa Religião — as nossas artes — sciencias — e commercio — que defendemos com as nossas armas e frotas — e com muito sangue nosso — depois de assim tão bem prendado, o-vimos saír-se ao mundo — já sobre si — com muita honra e gloria nossa — e aonde prospera hoje como uma das mais florecentes, ricas, e poderosas Potencias do globo.

Se no passado se-póde achar por onde duas Nações devam estreitar, cada vez mais e para sempre, laços de concordia e fraternidade, não ha dous povos que tanto como — *Brasil e Portugal* — apezar de separados pelo seu Oceano de duas mil legoas, devam manter inabalavel, e mútua amisade de Pai e filho, ou de irmão, e irmão. *A. da Sylva Tullio.*

CARTA 2.ª SOBRE A HISTORIA DE PORTUGAL.

262 Quando, volvendo os olhos para os tempos remotos, indagamos a historia de nossos antepassados, e da terra em que nascemos, a primeira pergunta que nos occorre para fazermos ás tradições e monumentos, é naturalmente a seguinte: onde, quando, e como nasceu este individuo moral chamado a Nação? O berço da sociedade deve ser, com effeito, a primeira pagina da sua historia.

Quem, examinando uma carta topographica da Peninsula hespanhola, vê esta faixa de terra chamada Portugal, estreitada entre o oceano e o vulto enorme da Hespanha, sem divisões nascidas da natureza do solo, e fundadas na geographia physica, que a separem naturalmente della, e quando depois disto sabe que por sete seculos, com a curta interrupção de sessenta annos, os habitadores deste cantinho do mundo conservaram intacta a sua independencia e individualidade nacional, prevê desde logo nesses homens, que assim souberam conservar-se livres d'estranho jugo, grandes virtudes e generoso esforço, e na organisação social do paiz uma extraordinaria robustez, e uma harmonia notavel com as suas necessidades e indole; porque as instituições e costumes de qualquer povo são a sua physiologia, pela qual se lhe explica principalmente o curto ou o dilatado da vida. A curiosidade então volta-se para a primeira infancia desse povo, para a epocha em que disse a si mesmo — *eu existo.* Na disposição daquelles tenros annos devem-se-lhe achar já os annuncios do vigor da juventude e da idade viril.

Tanto que o imperio visigodo desabou em ruinas ao embate violento do enthusiasmo e pericia militar dos arabes, e a policia e civilisação destes substituiu nas Hespanhas a muito mais viciosa e incompleta civilisação dos godos, a reacção christã e europea contra a violencia mahometana e asiatico-africana começou immediatamente. Desde a batalha do Chrissus ou Guadalete em que expirou o imperio fundado por *Theode-rick* (1) e estabelecido em toda a Peninsula por *Leud-*

(1) É costume recebido em Portugal e Hespanha estropear os nomes dos barbaros do Norte que conquistaram a Peninsu-

vi-ghild (2) até o recontro de *Canicas* ou *Cangas*, em que se póde dizer nasceu o reino de Asturias, bem curto espaço mediou. Restituido pela desgraça a esse punhado de godos o antigo valôr e energia, em quanto os arabes perdiam o primeiro nos ocios do triumpho, nos deleites de uma civilisação immensa, e malbaratavam a segunda nas luctas intestinas, os territorios e o poderio christão cresceram e prosperaram até o tempo d'Affonso 3.º Rei d'Oviedo, ao passo que o imperio arabe se achava já decadente no reinado de Abdallah, antecessor e avô do celebre Abderrahhman 3.º (Annassir). Mas Abderrahhman o maior dos ommaijadas, restabelecendo a unidade do governo na Hespanha arabe, regendo os povos com justiça e sabedoria, resistindo aos valentes reis de Leão e Asturias Ordonho 2.º e Ramiro 2.º, e aproveitando habilmente, depois da morte destes, as dissenções dos christãos para exercitar sobre elles uma especie de patronato, segurou para largos annos na Peninsula o dominio do Islam. Seguiram-se as variadas e terriveis guerras de mais de dous Seculos entre as duas raças inimigas que disputavam o dominio das Hespanhas, e a representação dos dramas ensanguentados que mancham torpemente tanto as paginas dos annaes christãos como as dos mosselemanos. Ora os arabes levam de vencida os netos dos godos, ora estes os arabes: de dia para dia as fronteiras indecisas das duas nações inimigas circumscrevem-se, ou alargam-se prodigiosamente: as divisões intestinas de um dos campos são por via de regra o signal de victoria para o campo contrario; grandes capitães sobem aos thronos, e d'ahi a pouco os thronos se derrocam debaixo dos pés de reis inhabeis, viciosos, ou crueis.

Durante mais de cinco seculos a Peninsula foi um cahos, e a sua historia é um mixto confuso e monstruoso de todas as virtudes e de todas as atrocidades. Entre os arabes, apezar da cultura intellectual, predominava a barbaria moral: as letras e as sciencias levadas a um alto gráu d'esplendor não suavisaram jámais os costumes ferozes dos mahometanos, porque a civilisação moral nunca existiu na terra senão por beneficio do christianismo. Nos estados christãos, pelo contrario, era a rudeza intellectual que destruia as influencias moraes do evangelho. As paixões desenfreadas no meio do estrondo de uma lucta de morte entre homens diversos por origem, lingua, instituições e religião, corriam despeadas, e os fratricidios, os homicidios, os roubos, as violações, os incendios, os sacrilegios multiplicavam-se por toda a parte. As leis callavam-se, a espada imperava, e a bruteza do povo era tal, que o proprio clero, classe distincta no tempo dos visigodos por sua cultura, tinha caído na extrema barbaridade. Ainda nos fins do Seculo 11.º os conegos de Compostela eram comparados por um escriptor que vivia entre elles, a animaes brutos e indomados (3) comparação que justificam milhares de successos conservados nos documentos e memorias desses tempos.

Da somma, porém, dos acontecimentos daquella epocha vêem-se resultar dous factos geraes: a decadencia da sociedade arabe, e os progressos de organisação na sociedade christã. Tendia a dissolver a primeira a grande variedade de tribus e nações africanas, asiaticas e europeas, que estanceavam pelas diversas Provincias da Hespanha, umas vezes sujeitas ao khalifado de Cordova, outras rebelladas contra elle. (4) Estas tribus e nações, unidas unicamente pela crença commum, guerreavam-se atrozmente a todos os instantes, e para maior desordem, por entre ellas vivia a raça gothico-romana, conhecida pelo nome pouco proprio de mosarabes, (5) que sujeitando-se aos arabes na occasião da conquista, forçosamente devia desejar o triumpho e predominio dos seus correligionarios. Por outro lado a civilisação dos arabes, assentando sobre a falsa base do Islamismo, brevemente envelheceu e tornou-se em corrupção de costumes, enfraquecendo e envilecendo os animos. O quadro da decadencia moral da Hespanha mahometana no meado do Seculo 12.º, que no livro intitulado Regimento de Principes e capitães faz Ben Abdelvahed, é espantoso, e quanto ao estado politico a situação dos arabes não era melhor. Não havia paz, nem segurança em parte alguma, e o imperio caía em pedaços no meio das dissenções civís. (6) Accrescentavam o mal as estreitas relações e unidade politica do imperio de Cordova com as Provincias da Mauritania, cujas revoluções estendiam os seus effeitos até a Peninsula, e as repetidas mudanças de predominio das tribus e dinastias por via de regra, procediam das alterações e guerras que se alevantavam na Africa.

Pelo contrario os reinos christãos da Hespanha eram mais homogeneos; havia ahi muitas dissidencias de ambição; porém as incompatibilidades de raça quasi que não existiam; porque só no reinado de Affonso 6.º os francezes vieram influir na Peninsula, mas como individuos e não como nação, e esta influencia foi ainda mais ecclesiastica do que politica. Não houve uma colonisação franceza nos dominios de Affonso 6.º, houve sim a collocação de bispos daquelle paiz em muitas dioceses, o chamamento de muitos Principes e cavalleiros da França aos cargos politicos e mi-

la, latinisando-os. Tomo a liberdade de os restituir á sua verdadeira ortographia. Theode-rik significa no antigo idioma tudesco, *poderoso entre o povo.*

(2) Romanisado em Leovigildo. — Por ventura seria Leovi-ghild. No primeiro presupposto este nome significaria *fiel guerreiro nos combates:* no segundo haveria nelle uma mistura dos idiomas latino e teutonico, a qual não fôra de admirar tendo pouco a pouco os west-goths (visigodos) trocado a sua linguagem nativa pela dos romano-hispanos. Nesta hypothese significaria *Leão-guerreiro nos combates.*

(3) Hist. Compostellana L. 1 c. 20 § 7.—Masdeu (Hist. Crit. d'España T. 13. p. 173 e segg. e T. 20 p. 5 e segg.) pretende que isto não seja exacto, mas o defeito de Masdeu, aliàs um dos melhores historiadores d'Hespanha, é a parcialidade desmesurada pelas cousas do seu paiz.

(4) Veja-se na Historia de Granada de Ebn Alkhathib, em Casiri Bibl. Arabico-Hespanica T. 2 p. 252. O mesmo Casiri em diversas partes da Bibliotheca faz muitas vezes menção dos Egypcios (estes habitavam Lisboa) dos Esclavonios, Syros, Persas, Nubienses ou negros, etc., e segundo elle daqui proveio a denominação geral de Sarracenos *(misturados)* que se deu aos arabes. Consulte-se tambem *Conde-Dom. de los Arabes* C. 30 *Paquis T.* 1 *L.* 4 *C.* 1.

(5) Esta denominação *(Atmostáreba*, adscriptos) era generica entre os arabes, para indicar todos os povos que tomavam o seu modo de viver, lingua, etc., sujeitando-se-lhes, e não especial para os hespanhoes, que tinham ficado debaixo do seu dominio. É por isso que nos parece pouco conveniente. Os arabes denominavam-se a si proprios por contraposição — Arab-aláraba, *puros e genuinos.*

(6) Abu-Baker — *Vestis Serica* — em Casiri T. 2 p. 53.

litares. Estes estrangeiros traziam as idéas e as instituições da sua terra natal, traziam ás vezes a oppressão, mas incorporavam-se na raça goda. Se impunham habitos e costumes estranhos, acceitavam tambem muitos usos e idéas da nova patria, os seus filhos eram inteiramente hespanhoes, e este elemento aduenticio de povoação em vez de contribuir para o enfraquecimento da força social, servia realmente para a fortalecer.

Os resultados das invasões e conquistas, que de continuo arabes e christãos faziam mutuamente nos territorios dos seu adversarios, eram tambem diversos. Ainda rebaixando no que dizem os escriptores arabes sobre a excessiva povoação das Hespanhas, é indubitavel que nas provincias dominadas pelos Sarracenos ella foi muito mais numerosa que hoje é. Esta povoação, porém, era em grande parte romano-gothica ou musarabe, e, como já disse para ella as invasões feitas pelos homens da mesma crença não podiam ser consideradas como destinadas a subjuga-la mas a quebrar-lhe o jugo dos infieis. Esta circumstancia tornava-se tanto mais importante, quanto é certo que os visigodos que acceitaram o dominio arabe, ficaram na mesma situação civil (7) em que se-achavam no momento da conquista, e por consequencia possuidores de riquezas, senhores de servos, superiores por isso forçosamente a uma parte da população arabe, e iguaes da mais abastada. Assim não só eram um poderoso auxilio para os christãos no meio dos inimigos, mas por muitas vezes bastaram por si sós para expulsar d'algumas povoações os conquistadores sarracenos. (8).

Desde os meados do undecimo seculo apparece na Hespanha um systema regular d'organisação. O concilio, ou cortes, de *Leão* convocado em 1020 por *Affonso* 5.º constitue uma data importante na historia social da Peninsula. N'este concilio, ou cortes, se estabeleceram leis politicas e civis geraes para todas as provincias do reino Leonez, que eram Leão, Galliza, Asturias e Castella. Fernando 1.º celebrou igualmente cortes em 1046, 1050, e 1058.

O caracter principal das resoluções d'estes parlamentos (á excepção do ultimo que elle convocou para dar validade á divisão do reino entre seus tres filhos) é o de regular e fixar o direito de propriedade. A par d'estas leis geraes, os *fueros* propriamente dictos (foraes) tendiam a augmentar a povoação, estabelecendo as communas, e ligando-as por muitos modos ao corpo politico. Alguns d'estes foraes conhecidos remontam ao tempo de Affonso 5.º, mas multiplicam-se cada vez mais com o correr dos tempos. Isto é, o pensamento de organisação vigora e cresce cada vez mais. A sociedade christã da Hespanha revela no seculo 11 um progresso constante de vida, de ordem, e de energia.

E a sociedade arabe? — A queda do imperio dos Ommayadas (1037) o qual durara perto de tres seculos, foi o resultado das dissenções civis. Tirado este centro d'unidade, que nos seus ultimos tempos era apenas um nome, os diversos bandos travaram luctas duradouras e sanguinolentas. A Hespanha arabe retalhou-se em tantos principiados, quantos eram os cabeças de partido. A guerra civil prolongou-se por quasi todo o seculo 11.º e bem que nos estados christãos as houvesse tambem entre os tres filhos de Fernando Magno, estas tinham passado rapidamente, e Affonso 6.º, vencidos seus irmãos, reinava por fim tranquillo nas Asturias, Galliza, Leão e Castella, e rei de uma nação energica e unida conquistava, ou fazia tributarias da sua coroa, as principaes cidades e provincias dos Sarracenos da Peninsula.

Para as suas guerras brilhantes muitos nobres cavalleiros francezes attravessaram os Pyreneus. Foi entre estes que Henrique de Borgonha veio á Hespanha, para ser o fundador da independencia dos Portuguezes.

A. Herculano.

(7) Pelo tractado entre Muza e Theode-mir (Todmirus Ben Godos — *Theode-mir o filho dos Godos)* feito depois da conquista no anno da Egira 94 (712-3) os arabes se obrigaram a respeitar a honra, a fazenda, e a religião dos vencidos, pagando cada nobre um aureo e certas medidas de generos, e cada peão metade disso. O tractado vem por extenso nas vidas dos Hespanhoes illustres de Ahmed-ben-Amir, e transcripto por Casiri T. 2 pag. 105. Que este tractado se-cumpria á risca deduz-se das Actas dos martyres Voto e Felix, na España Sag. T. 30 pag. 400 e segg.

Por uma resolução do Governador Ambesah a contribuição dos christãos foi fixada na decima dos rendimentos de cada um para os que se tinham sugeitado voluntariamente aos arabes, e no quinto para os submettidos pela força. Veja-se Rodericus Tolet. Hist. Arab. c. 11 em Paquis Hist. d'Espagne et de Port. L. 4 c. 3 — e a isto parece referir-se Isidoro Pacense (pag. 16 da edição de Sandoval) quando diz Ambiza.... *vectigalia christianis duplicata exagitans.*

(8) Parece-me que este facto, a que se não tem dado toda a attenção devida, servirá para explicar a existencia das Behetrias, de que fallarei n'outra parte.

CORRIDA DE TOUROS.

Cruz do Taboado, 14 d'Abril de 1842.

263 Sr. — Li com particular satisfação o artigo sobre *Corridas de Touros*, que no seu n.º 27 traz a Revista. Elle fez-me recordar d'uns versos de Parini sobre os combates de Gladiadores: como é possivel que V. os não tenha á mão, tenho o gosto de lh'os enviar.

Parini fallando das Damas Romanas que assistiam aos Combates de Gladiadores, em que uma Vestal dava o signal da matança, diz:

Poté all' alte patrizie
Come alla plebe oscura
Giocoso dar sollecito
La soffrente natura.

E da i gradi e da i circoli
Co' moti e con le voci
Di già maschili, applausero
A i duellanti atroci.

Che piú? Baccanti cupide
D'abbominando aspeto
Sol dall'uman pericolo
Acuto ebber diletto,

Creando à se delizia
E de le membra sparte,
E degli estremi aneliti,
E del morir con arte.

Espero que a Revista, tendo corajosamente começado o ataque contra um uso barbaro, que deleita muita da gente portugueza, como o outro deleitava o povo romano, não desistirá do combate, que terá de ser prolongado e renhido.

Que a imprensa se-empenhe com perseverança e força contra uma pratica, que, se bem popular, é cruel e impropria d'um povo civilisado, e esta pratica desapparecerá, como tem acontecido a tantos usos barbaros que desde remotos seculos existiam nos povos da Europa, e que a progressiva illustração tem feito abolir.

De que seria mui facil a suppressão do uso das corridas de Touros temos a prova no que aconteceu du-

rante o tempo em que o Principal Souza formou parte do Governo de Portugal, porque então ellas foram prohibidas; e mesmo o-estiveram em tempo posterior a esse.

È porém mais para dezejar que, antes d'este expectaculo ser prohibido pela authoridade publica, elle o-seja pela razão; e é por isso que muito conviria que a imprensa o-tomasse á sua conta, que o-stygmatisasse, que mostrasse a justiça e a necessidade de se-applicarem penas severas áquelles que permittem ou promovem um expectaculo, onde muitas vezes nas pontas dos touros enfurecidos são mortos ou estropeados alguns dos actores, taes como os cavalleiros, capinhas, homens de forcado, ou os miseros Pretos, angariados por alguns tostões, e com vinho e aguardente.

Dir-se-ha que os nossos visinhos tambem assistem a corridas de Touros; é certo, e ellas ali são mais barbaras do que em Portugal, e ainda mais horriveis; e é com sentimento de dor e espanto que o estrangeiro observa damas formosas assistirem á matança de cavallos e de touros, verem o sangue d'estes rojar pela praça, e aquelles varias vezes percorrerem-na, depois de feridos pelos touros levando de rastos os intestinos. — E será isto digno d'imitação? — Tambem os nossos visinhos abriram em 1830 ou 1831 em Sevilha a sua famosa eschola de Tauromaquia, com professores bem pagos, onde se-ensina a theoria e a pratica da arte de tourear: é verdade porém que no mesmo anno fechou-se na Ilha de Leão a Real Eschola de Marinha que ali havia.

A' Revista cabe a gloria de ser a primeira a entrar na lide, sob o estandarte da civilisação; que não desista, irá successivamente adquirindo auxiliares, e em tempo mais ou menos distante triumphará a causa da razão.

De V. venerador e attento criado
Visconde de Sá da Bandeira.

FENOMENOS NOTAVEIS ACONTECIDOS EM MARÇO.

264 Na noite de 9 para 10 soffreu-se nas costas occidentaes da *França* um terrivel furacão de oestenoroeste, que causou avultadissimas perdas de navios e homens, tanto no alto mar como nos ancoradouros. Em *Granville* desenvolveu o maior furor, fazendo naufragar muitos navios e 25 barcos de pescaria, dos quaes pereceram uma parte de suas equipagens, avaliando-se a perda em mais de um milhão de cruzados. O mesmo furacão causou em París grande destroço nos telhados, e nos arvoredos que aformosêam os jardins e passeios daquella capital. É de notar que naquelles mesmos dias decorria em Lisboa um tempo assaz bonançoso e tepido, com o barometro elevado, fazendo singular contraste com a tempestade que exercia o seu furor na distancia de 250 legoas. Em 23 e 24 soffremos nesta cidade, fortissimas rajadas do norte, e a 25 um frio vivissimo, tal que em muitos sitios gelou a agua.

Observações agronomicas do Algarve.

Foi fatal este mez aos favaes, e ás cearas de centeio pela força dos ventos, grande secura e frialdade do ar, privando os habitantes de um legume que fórma a sua principal subsistencia no mez de Abril. — As amendoeiras estão carregadas de fruto, e as videiras bem lançadas: as oliveiras observam-se limpas de ferrugem e viçosas, mas promettem pouco fruto, o que sem duvida deve em grande parte proceder do barbaro varejo que soffreram na ultima apanha. As alfarrobeiras tem sido muito mal tratadas pelo tempo, e á semelhança do anno passado, teme-se que será mui escassa a producção do seu fruto, tão necessario para a manutenção dos gados, contrastando a sua apparencia com a das laranjeiras que estão cobertas de flores.

Tal era o aspecto dos campos em Moncarapaxo, e com pouca differença em Martimlongo, de cuja Freguezia se nos participa que os calores intensos que appareceram no meado do mez, juntos com os ventos rijos que se-lhes-seguiram, causaram o maior prejuizo aos favaes e ás cearas: os frios intensos da semana santa foram acompanhados de grandes geadas, que fizeram gelar as aguas nos pegos das ribeiras, e queimaram as plantes recemnascidas. Em um daquelles dias choveu neve que secou os gomos das figueiras, e de outras arvores mimosas. Muitas pessoam foram atacadas de frieiras, como acontece no mais rigoroso inverno, sendo assaz notavel a apparição de semelhantes frios em estação tão adiantada, e no clima mais quente do reino. *M. M. Franzini.*

---

265 Publicamos o seguinte artigo que pela doutrina, e muito mais pela graça do estylo, achamos digno do seu tão moço, e já tão conhecido, e tão estimado auctor.

UMA LENDA DE MONTROSE.

Romance de Sir Walter Scott (versão do Sr. M. A. da Silva.)

Havia n'outro tempo — ha muito tempo — uma velha muito velha, que morava n'um casalinho mui alvo, posto no cimo d'um oiteiro mui verde. Mas bem que velha fosse, e andasse arrimada ao seu bordão, nem por isso deixava de trazer o rosto alto — um rosto sereno que sorria para o ceo — como se não tivera annos que a-fizessem curvar para a terra.

Ora esta velha tinham-na por aquelles arredores na conta de uma sancta mulher — e era-o — oh! de certo que o-era! Porém como por toda a parte ha invejosos, havia-os tambem naquelle tempo — e muitos. Não podendo estes levar á paciencia que a boa da velhinha trouxesse no rosto aquella paz e alegria d'alma, que é o reflexo d'uma sãa consciencia, entraram a ver como podiam deita-la a perder aos olhos dos seus visinhos do campo, que a-veneravam muito; e tanto fizeram, tanto fizeram, aquelles negros invejosos, que por fim de contas — e é como sempre accontece — os seus enredos foram ouvidos e fructificaram — mais ainda, muito mais que as boas palavras e os bons exemplos da sancta velha. Todo o mal que se-fazia era logo attribuido á bruxa velha. Se sobrevinha uma doença nos gados, ou uma calamidade em qualquer familia, quem era que tinha a culpa? — a feiticeira do casal, a bruxa velha. — E ella — coitadinha da triste velha! — a moirejar-se para acudir e remediar a muitos dos que mais a-abocanhavam. Pouco a pouco os dictos que haviam começado em voz baixa foram-se tornando injurias pronunciadas em voz alta. Ja os visinhos que d'antes a-acatavam tanto, lhe não tiravam o seu barrete, nem lhe-diziam, *salve-a Deos, Tia....* Nada: bem pelo contrario. Apenas a-viam, principiavam a dirigir-lhe insultos grosseiros e a maltratal-a de palavras que era uma lastima ouvil-os.... até os rapazes lhe-atiravam sua pedrada. E tanto cresceu isto, tanto cresceu que a boa da velhinha, cançada de tamanha ingratidão, tomou um dia o seu bordão, e enxugando duas lagrimas que como punhos, que lhe-saltavam dos olhos, deixou o seu lindo casalinho branco, mais as relvas do seu oiteiro e foi-se por esse mundo a perigrinar.... a perigrinar....

Deus sabe o que foi feito da pobre velha.

Ora o meu conto tem applicação. Esta velha é a moral. Tem-na invejosos maltratado, e tanto que a

triste, se assim continua, abandonará em pouco para sempre, esses mal reconhecidos que lhe-pagam com injurias e despresos os seus beneficios. Tem-na posto pelo pó das ruas — tem-na crucificado... Sim: tem... E fizeram da imprensa o seu calvario. Como não ha-de ella sentir-se? E como não havemos nós bem-dizer o ceo quando entre tantos invejosos ou mal intencionados, que assim a-escarnecem ou a-calumniam, apparece quem lhe-dê a mão e creia nella — que tanta fé merece? Na imprensa a-têem crucificado, dissemos nós, e é verdade — é verdade. A imprensa cinge o mundo. D'antes reinava a espada — hoje governa a penna. Os direitos das Nações discutiam-se d'antes nos campos de batalha, e a justiça era a força do vencedor rubricada com o sangue do vencido. Hoje o logar da discussão é mais pequeno, mas o seu poder é mais amplo — as armas do argumento substituiram o argumento das armas. — A antiga civilisação estava nas guerras, a nova está na imprensa. Á imprensa pois se-devem pedir contas de todo o bem e de todo o mal. Que ha ahi mais perigoso do que um livro mau escripto com talento? — A apotheosis do crime repugnará — sem duvida. — Mas quem defenderá uma alma nova das impressões do livro? O brilhante do colorido desfarçará a torpesa do painel. — Offuscar-se-ha a imaginação — a imaginação arrastará o sentimento — o sentimento o coração. O que ao principio parecer estranho, pouco a pouco se-tornará familiar .... e quantas, quantas boas almas ficarão manchadas, contaminadas, perdidas! E para que será esta moda de hoje, de nos-apresentarem a vida cá do mundo, núa, descomposta, cadaver lívido, immundo e quasi podre, rochedo calvo, deserto, sem fontes, prado sem verduras? — para que será o tirarem-lhe as suas gallas, as unicas que a-podem fazer formosa, amena e agradavel — as crenças? Todas as nobres dedicações e sanctas generosidades, em vão as-buscareis nesses livros que se-dizem pintura da vida; em balde procurareis uma doce consolação para a alma, um affecto brando, puro, em que vos reponseis. — Esterilidade — por toda a parte a esterilidade. — Que ha crimes e vicios quem o não sabe? É inutil ensinal-o. Mas por que os-ha, segue-se que não haja ainda virtudes? Se estas são raras, nova razão para que as-tomemos por norma, por assumpto e modelo do livro. Concluiremos com uma unica reflexão — o talento que se-affadiga por embelezar o que é mau, não se-embelesaria a si mesmo empregando-se no que é bom? Lá virá tempo em que o bom livro, o livro são e crente que nesta nossa épocha apparecer, será levado em boa conta pelos que vierem depois, porque será um testimunho e um protesto contra o geral desvario, que assim nos-vai levando a um precipício de que só Deus sabe o fundo.

E por que tal livro tão raro se-tem tornado sobre tudo no meio d'essa inundação de versões estranhas — estranhas na algarvia e na moral — mais bastas e damninhas que os gafanhotos do Egypto, tomamos nós a penna para fazermos honrosa menção de uma versão, mas tambem em tudo excepção das outras. Quem ha ahi que não conheça o honesto Escossez, Sir Walter Scott, o puro e generoso escriptor, que tão bem fallou a linguagem de todos os affectos, e tanto nome deu á Historia da sua nobre Patria! Possuimos d'elle algumas versões soltas, mas uma Sociedade entendeu, e entendeu bem, que deviamos ter collecção inteira dos seus Romances, como ahi a-tem já quasi todas as linguas da Europa, e tenta a empresa, estreando-se com — uma Lenda de Montrose. — Este, sim, este é um livro casto e nobre que nos-dá uma licção do passado occupando-se em retratar um seculo, em vez de desmundar o presente e deixa-lo patente com todas as suas insignificancias ou iniquidades. — Commetteu a Sociedade a versão dos Romances ao Sr. *M. A. da Silva* e acertou na escolha. — Todos conhecem as difficuldades de tal versão, pois o digno traductor venceu-as e habilmente. — Linguagem facil e corrente e muita vez chistosa, escrúpulo e naturalidade de phrase, taes são as principaes qualidades da versão do Sr. *M. A. da Silva*, juntas a severa exactidão no transvasar os pensamentos d'uma para outra lingua. Não insistimos no seu elogio, porque estamos mais que saciados d'essas trivialidades do costume. — O voto dos leitores intelligentes deve de ser-lhe mais completo encomio. Sahiu já o primeiro volume da — Lenda de Montrose — e é uma bonita e mui maneira edição. Bem esperamos da empresa, e bom fado lhe-agouramos, se assim continúa.

E agora já que encetamos o assumpto, dando a merecida animação a um livro bom, prostestaremos contra outro mau e muito mau de que estamos ameaçados. — Pedimos instantemente ao Sr. Nero que substitua a promettida traducção das — Memorias do Diabo — de *Frederico Soulié* por outro livro mais são, mais crente e mais util — Se elle julgar dever levar por diante o seu projecto, desde já o prevenimos de que lhe-faremos toda a possivel, mas leal, opposição. O livro que promette é o mais monstruoso aggregado de iniquidades de que tenhamos noticia. — Ha tantos ainda preciosos e amenos tambem!

O Cinq-Mars, por exemplo, de Alfedro de Vigny, tão bom, tão cheio de licção.... e tão pouco visto! Consulte o Sr. Nery a sua consciencia e calcule os males que pode causar a sua versão — Conhece o livro, e estamos certos que dará peso ás nossas reflexões.

J. M. da Silva Leal Junior.

Concordamos com o auctor do precedente artigo no tocante ao merecimento da *Lenda de Montrose*, e com elle, ainda que não inteiramente como elle, damos sinceramente louvores ao traductor. Quanto a nós — é esta versão assás natural, e d'entre as cem mil, com que anda gafa a nossa litteratura, desatinada aquella parte do juizo, que se-chama gosto, e ameaçada a nossa pobre lingua de miseravel e total perdimento, estrema-se com grandissima excellencia. Tanto d'isto estamos convencidos, que desejando que tal empresa vá por diante, se o traductor for sempre o mesmo, e por nenhum modo inferior, temos por dever nosso aconselha-lo. — Pedir-lhe-hemos por tanto, que d'ora ávante trabalhe sobre o original inglez, e não sobre a versão franceza de *Defauconpret* ou outra: que procure, nos casos em que os termos inglezes não tenham correspondencia legitima e castiça em portuguez, definilos, ou explica-los: que onde encontrar com rifões ou anexins no texto, no-l'os dê dos nossos se os-houver, — que para quasi tudo os-ha — remettendo para notas os do auctor: finalmente, assim como logrou dar, em geral, modo portuguez á contextura e feição dos seus periodos, procure melhorar-se ainda nesta virtude, que entre a de traductores se-ha-de haver por capital, e diligencêe pacientemente expurgar o seu

escripto de gallicismos de palavras, que ainda em verdade se-encontram no seu livrinho.

KENILWORTH.

Do mesmo auctor (traducção do Sr. Ramalho.)

266 Publicou-se a esperada traducção de *Kenilworth* de Walter Scott, pelo Sr. *Ramalho e Sousa* — 4 volumes em oitavo. As outras duas novellas do mesmo auctor, vertidas pelo mesmo traductor, *Ivanhoé* em 1838, e *Quintino Durward* em 1839, são já tão conhecidas do público, e tão estimadas dos litteratos, que o annunciar agora esta, é quasi pedir alvíçaras de uma boa nova. Não ha probidade litteraria mais inteira, nem consciencia mais escrupulosa e delicada, que a deste nosso benemerito escriptor. Toma-se com o seu auctor na *propria lingua*, em que é excellente sabedor; estuda-o, anatomisa-o até á intima fibra, até á minima molecula; apodera-se de toda a sua individualidade ingleza; e tão rico em o nosso idioma, como Walter Scott no seu, procura, e encontra com que nos-dê, sem nunca deslisar de purista rigoroso, a expressão fiel, a physionomia, os geitos, as circumstancias mais imperceptiveis daquelle fundador e principe do romance historico.

Sabemos que o Sr. *Ramalho* tem proposito firme e assentado de levar a diante esta *empreza* ardua, e gloriosa, de transplantar para a nossa terra os mais que ser possa da numerosa familia dos romances do illustre Escossez, e que já Anna de Geierstein é objecto dos seus cuidados. Muito seria para desejar, que havendo uma sociedade para as mesmas traducções, e que tão bem se-estreou já com a Lenda de Montrose, que a esse traductor, pelo menos, o julgámos merecedor de animação e bons conselhos, entre tal sociedade e o Sr. *Ramalho* se-fizesse, á boamente, a partilha dos romances por traduzir, para que não venha a acontecer, que fiquemos com alguns duplicados com mútuo prejuizo para ambas as partes, e talvez privados de alguns outros. Uma só cousa requereramos nós ao Sr. *Ramalho*, era o provar agora a mão n'um diverso systema de traduzir; experimentando na sua Anna de Geierstein um pouco mais de liberdade nas fórmas da elocução. Bem possue elle, segundo nol'o tem mostrado, sobejo cabedal da patria lingua para nos-involver toda aquella substancia ingleza nos nossos modos de exprimir e pensar, que são verdadeiramente os que a uma qualquer leitura dão o maior sabor e conchego: se isto lhe-supplicamos é só por estarmos intimamente convencidos, de que dando-nos Walter Scott, se nos-póde dar a si mesmo, e juntar ao classico dos romances outro classico de estylo nosso, como já de linguagem nol'o dá. Todavia não dissimulamos que o seu methodo de absoluta fidelidade tem vantagens, e summamente ponderosas: estes seus livros assim feitos são impagaveis auxiliares, tanto para os inglezes, que desejem per si aprender o portuguez, como para os portuguezes, que desejem aprender o inglez: se o nosso alvitre comtudo fôsse acceito, parece-nos que, por via de notas, não seria impossivel restituir aos estudiosos o que no texto se-houvesse discretamente variado; em summa que aos nossos dous traductores pediriamos quanto a isto duas cousas mui diversas: ao Sr. *Silva* menos infidelidade, mas ao Sr. *Ramalho* menos sujeição.

Quanto ao Sr. *Ramalho*, sabemos que para tão experimentadas e déstras mãos, nem impossibilidades nem difficuldades póde haver em tal materia: — quanto ao Sr. *Silva*, que suppomos novel ainda no officio, esperamos que seja assás desejoso do seu proprio aperfeiçoamento para consultar e seguir docilmente a um guia e prático tal como o Sr. *Ramalho*.

NOTICIAS.

BRAZIL.

267 Ordem aos agentes diplomaticos na Europa para facilitarem a emigração de obreiros e artifices, adiantando-lhes a passagem, e afiançando-lhes trabalho.

ALLEMANHA.

268 O nosso correspondente de Hamburgo communica-nos importantes noticias, que os limites desta Folha nos não permittem transcrever. Houve n'aquelle porto um grande incendio n'um Vapôr de Hull. A Prussia confiscou a obra = *De la Prusse et de sa domination, par un inconnu.* = O Ministro dos Estrangeiros em *Berlin*, *Maltzan*, foi substituido pelo *Barão de Búlow*. Na *Dinamarca*, tambem foi substituido no mesmo logar o Conde de *Krabe-Carisius* pelo Conde *Reventlow-Criminil*.

BELGICA.

269 Dos accusados politicos quatro foram condemnados á morte: appellaram da sentença: affiança-se que o rei perdoará.

INGLATERRA.

270 A Commissão apresentou a 5 o parecer sobre o projecto ácerca de importação de cereaes. Um Canadense, Hogan, tendo sido preso e libertado pelos Americanos, esta circumstancia parece dar logar a novas desintelligencias, e o Presidente pede uma lei que regule a administração da justiça nos casos que complica o direito das gentes. As noticias da *China* chegam a 18 de Janeiro; os inglezes dispunham-se a atacar Cantão.

HESPANHA.

271 Incidentes desagradaveis nas Camaras Hespanhola e Franceza fazem recear pela conservação das boas relações entre os dous paizes. Uma secca terrivel assola a Andaluzia.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

272 *Diario do Governo de 14 Abril* — Esclarecimentos pedidos para estabelecimento de uma nova Comarca, de que seja Capital *S. Thiago de Cacem*.

De 15 Abril — Decreto sobre organisação dos Governos das Provincias Ultramarinas — Requisitos de qualquer contractador ou fiador de contractos com a fazenda — Freguezias de que falta lançamento de decimas e impostos annexos.

De 16 Abril — O Sr. Manoel José Maria da Costa e Sá é encarregado de escrever a historia portugueza, dos ultimos tempos — Sobre alvarás de licença para hypotheca de bens dotaes — Estado da Barra do Douro, a 23 Março.

De 18 Abril — O Infante recem-nascido, Duque de Béja.

De 19 *Abril* — Adopção da nova espingarda de percussão (de que fallamos no artigo 258) e dous officios do Sr. *Barão de Monte Pedral* sobre este assumpto.

De 20 *Abril* — Regulamento do Tribunal do Thesouro — Os commandantes dos Corpos prestarão aos delegados fiscaes os necessarios esclarecimentos — Seguir-se-ha no Exercito o regulamento de 1841 sobre Tactica Elementar, com leves alterações.

BAPTISMO DO INFANTE. — RETRATO DE S. S.

273 No domingo, 17 do corrente, teve logar aquella ceremonia religiosa com toda a solemnidade e pompa; e repetiram-se as usuaes manifestações de jubilo, salvas, illuminações etc. etc.

Cumpre por esta occasião fazer menção particular de uma nova producção do talentoso Professor de Pintura, na Academia de Bellas Artes, o Sr. *Antonio Manoel da Fonseca*, a quem entre outras obras de vulto, devemos a excellente cópia da *Transfiguração*, de *Rafael*. O retrato de *Sua Santidade*, inaugurado n'aquella occasião, com ser um modêlo de primor e delicadeza de pincel, foi trabalho de sós seis dias, que tantos decorreram entre o encargo e o complemento da execução.

Muito folgaremos de ter ensejos de dirigir iguaes louvores aos outros Membros da Academia; assumpto sobre que nos-reservamos para fallar mais extensamente.

SUICIDIO.

274 No dia 19 ás dez horas e meia da manhã, das casas novas, á praça da Figueira, por detraz de S. Domingos, se-precipitou de um 4.º andar uma menina de 22 annos, chamada *Francisca Candida Pinto*, filha do Sr. *João Antonio Pinto*, que fôra fanqueiro. Pessoas a-viram, da praça da Figueira, aproximar-se á varanda, examinar a profundez, pôr um banco, acima do qual subiu, fazer uma cruz na parede, curvar-se ante ella como em oração, balançar-se tres vezes, e precipitar-se. Uma circumstancia extraordinaria é que nem uma gota de sangue deixou no logar da queda! Foi conduzida para sua casa, deu alguns gemidos..... e morreu ás 2 horas da tarde: eram 4, ainda o corpo estava quente, e não parecia o semblante mortal; os facultativos ordenaram que a não desamparassem: deslocou o pé esquerdo, e nada mais se lhe observou notavel. Sangraram-na, mas apenas deitou sangue. A familia attribue a irascibilidade, esta funesta resolução; outros lhe-dão por causa contrariedades em objectos de coração.

FATAL ACONTECIMENTO.

275 No dia 19, ás duas horas da tarde, foi á Secretaria da Guerra o ex-Commandante de Infantaria 10 (o Sr. *Osorio*) pedir licença por algum tempo, a qual o Ministro lhe-concedeu, e tendo-se dirigido á repartição competente (na mesma Secretaria) ahi esteve placidamente fallando com os empregados; sente-se de repente agoniado, queixa-se, e em poucos instantes a afflição diminuiu. No momento em que dizia achar-se mais aliviado, cahe morto com uma apoplexia fulminante: acudiram a sangra-lo, porém a sangria não produziu effeito algum. Foi conduzido ao Hospital da Estrella.

OS TRES ULTIMOS DIAS DE UM SENTENCIADO.

276 Quasi tinham passado nove mezes, depois que uma *familia inteira* amanhecêra assassinada. O unico auctor, e unico perpetrador do crime, por uma serie de circumstancias Providenciaes caíra logo nas mãos da *Justiça*, e jazia sob a mais austera vigilancia na *casa forte* da prisão do *Limoeiro* d'esta Cidade. Corrêra o processo por todos seus termos legaes até á Sentença. A consciencia pública, representada pela dos *jurados*, á grande luz das provas reaes e pessoaes reconhecêra claramente a mão do matador e roubador nocturno e solitario: na Sala do *Jury* até ao alto das janellas apinhada de povo, que trasbordava até ao meio da praça, na Sala do *Jury*, após um dia inteiro consumido na accusação, e na defensa, e em acarear o réo com as testemunhas, com os instrumentos do malificio, com o sangue e despojos das victimas, e comsigo mesmo, o Juiz, era *meia noite*, lia a Sentença, em que *Francisco de Mattos Lobo* era condemnado ao *patibulo*: esta Sentença desde logo confirmada pela *pública opinião*, igualmente o foi pela suprema instancia do fôro. A prerogativa real, invocada para o indulto, não deveu, nem quiz interpôr-se entre a palavra do magistrado e a obra do *executor*: mas a forçada ausencia d'este, que por longe se andava no exercicio de seu terrivel ministerio, tinha de lhe protrahir ainda por largos dias o cumprimento.

Durante estes nove mezes, que para o réo abrangeram seculos, que entendimento poderia sondar toda a profundidade de sua miseria? Imaginai a lucta do seu passado com o seu presente, e do seu futuro certo com o seu tão diverso futuro possivel, as horas do somno povoadas já de phantasmas sanguinolentos que o appellidavam algoz; já da imagem do verdugo que lhe acenava para partir; já de um povo innumeravel sabedor de sua obra e testemunha ávido do seu castigo; já do mundo espiritual cujas escuras portas diante se-lhe abriam estrondosamente; as horas da vigilia penadas no fundo de uma masmorra, sem o consôlo da luz plena do sol, debaixo de chaves incorruptiveis, entregue á vigilancia sempre presente de companheiros tambem criminosos e perdidos — imaginai (se vos não falta o animo) tudo isto — ¡ Quem dirá que não fosse uma organisação valente e uma forte alma aquella, em que a vida e a razão a tanto resistiram até ao fim! e ainda não é tudo. Por uma fatalidade incomprehensivel estava escripto que nenhum genero de penas lhe faltaria, e entre tantas cousas ferozes o seu coração devia ter ainda logar para amarguras de uma natureza mais humana e mais nobre. Tinha um Pai, amigos, amante: seu Pai á primeira nova do crime caíra no leito, d'onde se não devia levantar; e seis mezes depois na sepultura, onde o aguardava sua espôsa já tambem victima de penas procedidas, segundo contam, do mesmo filho: seus amigos, quasi todos, o haviam desamparado, ou medrosos do contagio da infamia ou repellidos pelo horror, ou desenganados da impossibilidade de lhe valer: a sua noiva..... já as grades, que um do outro os estremavam, eram para a separação mais que sepulchro: e o sepulchro tambem, ao cabo logo para fóra d'ellas o esperava.

Por mais de uma vez, e de modos varios, commetteu arrancar-se a vida: — Ninguem d'esse crime o defenderá — alguns lhe chamarão fraqueza; — loucura, ninguem que soubesse o que são penas, lhe chamaria: — mas a Providencia o havia destinado para dois grandes exemplos, que ambos se-haviam de realisar — um exemplo das suas justiças, e um xemplo das suas misericordias.

A 14 do corrente Abril entre onze e meio dia um dos Escrivães da Relação presenta-se no *Limoeiro*. É chamado o prêso *Francisco de Mattos Lobo*: acabava de jantar: vinha inteiramente fóra da noticia, que o aguardava: o Escrivão, portador da Sentença, entende que deve captar a attenção do seu ouvinte, ou talvez preparal-o para não sucumbir: ordenou um preambulo accommodado ao lance, começando por lhe encarecer a mágoa, que sentia em ser correio de uma terrivel nova: o réo a estas palavras cáe sem sentidos, a leitura, já aliás superflua da Sentença, não é ouvida: tomam-n'o em braços: introduzem-n'o para a *casa do Oratorio*. — É um corredor comprido e largo, á maneira de dormitorio, ladeado de pequenos quartos sem janellas, e tendo em vez de portas umas cortinas, que n'estas occasiões para evitar meios de

suicidio desapparecem: estes quartos, povoados de prêsos no mais do tempo, são agora êrmos, o corredor silencioso só recebe a luz por uma janella alta e quadrada em um de seus tôpos. N'uma das cellas, fronteira á jazida do *sentenceado*, se levanta um altar em fórma de urna, e sobre elle um crucifixo entre duas luzes, que em todos os tres dias e noites se não apagam. Tres guardas mantêem o socego e segurança de todo o recinto. Dois mordomos e um Procurador da Misericordia prestam attentamente ao *infeliz* todos os soccorros para a vida, (1) em quanto dois Ecclesiasticos da mesma Santa Casa escolhidos por sua sciencia e zêlo religioso, e o Parocho da Freguezia lhe liberalisam incessantemente os confortos espirituaes.

Estendido sobre uma enxêrga, *Mattos Lobo*, até volta das quatro horas da tarde, parece affectar uma completa alienação: gira os olhos espantados: canta em voz baixa: ri, e duas ou tres vezes responde com arrogancia, repellindo os carinhos e engeitando os soccorros, que lhe offerecem: ás quatro o Sr. Padre *Sales*, (2) distincto ornamento do pulpito, conhecido pela sua felicidade em triumphar das impenitencias finaes, e a quem a experiencia fez mestre no penoso officio de encaminhar para os pés de Deos os condemnados pelos homens, deitado no chão, junto ao grabato, rompendo em fim o silencio começa a fallar da *misericordia de Deos, da brevidade da vida, e duração da eternidade*: — Tudo isso sei, responde o desaventurado; aprendi para Padre: — Ainda que saibâmos, replicou o Sacerdote, que existe Deos, muito conviria que a toda a hora nol'o recordassem: Santo Agostinho, antes de convertido seguiu a seita dos *Manicheus*, e depois de convertido, dizia: Ai de nós, pois se levantam os ignorantes, e roubaõ céo, e nós com toda a nossa sabedoria, talvez nos percamos, o que a muitos tem acontecido, pois de nada val a sabedoria sem o temor de Deos. — Sobre isto retira-se, deixando, como pratico, tempo á reflexão para desenvolver a rica semente, que ahi lançára. Poucos minutos se passam, a alienação ou fingimento d'ella, desappareceu.

Lobo pergunta humildemente, se o Carcereiro (3) porá duvida em vir fallar-lhe — Nenhuma, responde o Ecclesiastico, e a rogo seu desce elle proprio a procura-lo. Entram: n'este momento, o que até alli parecêra immovel, cobra repentinamente energia, ergue-se, ajoêlha, alevanta as mãos, e lavado em lagrimas, pede ao Carcereiro perdão; este comovido, e com os olhos tambem lacrimosos, igualmente lh'o implora pelos rigores, a que o seu dever para com elle o obrigára. — Retirado o Carcereiro, o Sacerdote, correndo alegre para o réo, e abraçando-o — Parabens, lhe-disse, já que assim recebe as graças que Deos lhe-está concedendo. — D'aqui em diante, não houve mais, de que uma serie não interrompida de consolações para o padecente, e de edificação para os circumstantes. O Prior de *Marvão*, que por tres vezes ouviu os seus segredos no tribunal da penitencia, dizia: — agora não ha mais que fazer senão conservar o ganhado. — E tal foi a impressão que no venerando Sacerdote produziu aquella resignação christianissima, e inesperada, que por vezes o foram encontrar em seu quarto, desfeito em lagrimas, affogado em soluços, e rendendo graças ao Altissimo pela enchente das suas misericordias. Entra o Thesoureiro de N. S. dos Martyres o Padre *José dos Santos e Silva*. *Mattos Lobo* havia manifestado um vivo desejo de tractar com este amigo da sua familia, e de quem desde a infancia, em todas as occasiões, recebêra provas de sincera affeição: alegra-se ao vê-lo, fa-lo sentar junto a si, e conversam a sós por mais de hora.

Não foi aquella uma confissão, mas um simples desafogo, que elle não quiz deixar obrigado a nenhum sigillo. Alli disse o mesmo que pouco depois mandou escrever, emendou, e assignou no ultimo dia, e logo ouviremos textualmente. Uma unica circumstancia ponderosissima houve nessa conversação, de que não apparece memoria n'aquella especie de testamento moral: disse — que não só não roubára, nem premedittára algum dos assassinios, se não que a propria *D. Adelaide Pereira da Costa* o provocára, — arrancando primeiro um ferro contra elle: — abster-nos-hemos de decidir em tal materia; abster-nos-hemos até de pensar n'ella: é um segredo que já ninguem póde descobrir, porque pela bôca de todos, os que o sabiam, já passou a mão da morte.

Na sexta feira 15 communga, mas só o seu espirito mostra energia n'este acto, todos os seus membros estão desfallecidos — é o velho Prior, quasi tão quebrantado como elle, quem sustenta a cabeça do mancebo. Volta em braços para a cama, onde em igual prostração se conserva todo o dia.

Pelo fim da tarde, fallando com o Carcereiro, encommenda-lhe, que reparta pelos tristes presos — que lhe-serviram de guardas na casa forte, *dez tostões*, unico dinheiro que lhe resta, — e cae n'um profundo accesso de hipocondria: estado perigoso em taes lances. O Padre *Sales* recorre a um remedio, que a sua experiencia lhe tem abonado de eficaz em taes apertos, — é o gracejar: ¡ Sublime exforço da piedade, que se é preciso, suffoca até os sentimentos do proprio coração, e pede á sua angustia, que surria! Tornava o Carcereiro já desempenhado de seu encargo, quando voltando-se o Ecclesiastico para o padecente lhe diz: — Não se fie na palavra do Sr. Carcereiro, peça-lhe os 3 recibos dos seus *dez tostões*, assignados, e reconhecidos por Tabellião: — riu-se o condemnado; era passada a nuvem ameaçadora e desfez-se.

Pelo serão estando todos calados, levantou a voz e disse: — Ora queira Deos que com a minha morte, se acabem os crimes do mundo. — E depois d'alguma pausa accrescentou — Quantos ámanhã não irão ver-me por curiosidade? — Filho, acudiu de repente o Padre *Sales*, vingue-se de todos elles, que bem o póde sem perigo, antes com muito aproveito para sua alma; quando for pelo caminho, não os queira ver, leve os olhos fechados, e se os abrir seja só para os empregar na imagem de Jesus Christo. —

Das 11 para a meia noite, adormeceu ¡ Coisa admiravel, todos n'aquelle trance dormem! Entretanto o somno d'esta noite não foi tão largo e continuo, como o da primeira; todas as vezes que o relogio dava horas, accordava, contava-as, e dizia sentidamente — ¡ Já me faltam, só tantas! — Das qua-

---

(1) Muito haveria que dizer a respeito do comportamento da Misericordia n'estas occasiões, de proposito o-omittimos por agora, por confiarmos que dentro em pouco só encontraremos razões por onde a louvemos.

(2) A sciencia de ajudar a bem morrer, sciencia, que ninguem, ao menos uma vez, deixará de achar importantissima, contou sempre poucos professores distinctos, e menos ainda conta hoje. D'entre estes foram sempre rarissimos os a quem se podesse com afoutesa cometter o agonisar sentenciados. Que difficil complexo de qualidades extraordinarias, umas naturaes, outras religiosas, outras fructo do estudo, outras da experiencia, não é necessario possuir para um tal desempenho? Eis-aqui, o porque para guia de ecclesiasticos noveis n'este exercicio procurámos desveladamente colligir, quanto nos foi possivel, das acções e palavras do Reverendo e respeitavel Sr. Padre *Sales* em todo este drama. E' já o oitavo, em que o seu zelo, e sabedoria, a sua piedade e a sua prudencia se tem gloriosamente assignalado; nenhum de tantos criminosos lhe-morreu impenitente. — Intimamente convencida da utilidade e necessidade de offerecer aos ecclesiasticos uma especie de roteiro para casos similhantes, a Redacção da Revista Universal Lisbonense tem escripto ao sobredito Sr. convidando-o a que lance em papel e permitta publicar-se o resultado da sua pratica; temos esperanças de alcançar esse opusculo precioso, em que até os profanos, a philosophia, a litteratura, e a poesia poderão achar interesse.

(3) O Sr. *Antonio Ribeiro Cerqueira*, actual carcereiro da Cadêa da Cidade, merece que o citemos como exemplo aos do seu emprego. Humano para com os presos; quanto lh'o permitte a sua obrigação, de os ter seguros; amado e respeitado em geral por todos elles, só estuda de dia e noite em merecer cada vez mais a approvação de sua propria consciencia. O *Oratorio*, que antes d'elle era um sitio de confusão, achase hoje pelos progressivos melhoramentos, que lhe-tem introduzido, transformado em um logar de silencio e recolhimento inteiramente proprio e favoravel para o seu destino. Bem hajam os que a Sociedade tomou para agentes de seus rigores, quando se desvelam em os suavisar sem na trahir.

tro da manhã em diante, não tornou a dormir senão o seu somno ultimo. Pela madrugada, apesar do desfallecimento volton por si mesmo a exercicios espirituaes e interiores; pediu e abraçou o Santo Christo, e proferiu em voz *intelligivel* preces e colloquios bellissimos sobre o texto = *Memento homo quia pulvis es, e in pulverem revertéris.* =

Entre as 8 e 9 da manhã tomou uma porção minima de marmellada. (Conservou-se todo o tempo do Oratorio em quasi absoluta e voluntaria abstinencia).

Pelas dez horas e meia sente-se a campainha da Misericordia; aproxima-se, sobe as escadas; o condemnado ouve, mas não se-altera; o seu abatimento é profundissimo; abrem-se as portas; entra o *painel*, representando de um lado a Mãe de Misericordia, cobrindo com seu manto a toda a especie de peccadores, e pousando sobre uma prisão, por cujas grades se-descobre lá dentro um infeliz: — no reverso, a Senhora da Piedade com o Filho morto nos braços: a este pendão symbolo d'esperanças, seguem os Irmãos da Misericordia, e alguns dos *servientas da tumba:* — um, com alguns confortos de bebidas e dôce, e dous, com as *alcôfas* com que logo precederão o préstito pedindo em voz alta para missas por alma d'aquelle irmão. Um Sacerdote, acompanhado de quatro acolitos com tochas accêsas, traz arvorada a *Sacro-Santa Imagem do Crucificado:* inspira devoção a quantos poem n'ella os olhos; e por suas recordações e historia accrescenta ainda o terror do acto: ¿ a quantos criminosos conduzidos ao supplicio não terá ella aberto a estrada da bemaventurança? Doada á Santa Casa por um de seus Irmãos, para substituir outra menos perfeita, de que em taes procissões se serviam, consta e é certo, que fôra esse mesmo Irmão o primeiro que a estreou. — Segue-se a Justiça que remata o cortejo funebre. — O *criminoso* vê tudo, e não se aballa; o seu prostramento, nem já para isso lhe deixa forças. — Reina o silencio mais profundo. — Entram os *dois algozes: um*, não indica mais de quarenta annos, *o outro*, cincoenta; são altos, sêcos de carnes, carregados de gesto, principalmente o mais velho, *Ramos: Simões*, o mais môço, não deixou ainda coar até ao coração a crueza do seu ministerio; a expressão de sua physionomia mais é resultado das penas, remorsos, e vergonha, que o-devoram, do que petrificação dos sentimentos generosos e humanos; mil provas o-attestam; da sua pobre bolsa tem saído a esmola para missas por alma dos seus executados, e dos seus olhos têem corrido lagrimas sobre a obra forçada de suas mãos — se é um demonio, é como aquelle sublime demonio da *Messiada de Klopstock* — a condemnação o-obriga a fazer o mal, que a sua propria indole benéfica lhe repugna — é esse o seu *inferno.*

Tomam a *alva* das mãos da *Misericordia;* a *corda*, mandada na vespera pela *Relação*, já elles comsigo a-traziam; — o experimental-a e preparal-a para que não arrebente, a elles toca; n'isso haviam seroado: — dirigem-se á sua prêsa: está insensivel, mortal; apparelham-n'o para o espectaculo, como quem amortalha um cadaver. Vestida a *alva*, enfiam-lhe a cabeça no *laço*, passam-lhe o restante da *corda* em volta da cintura; atam-lhe as mãos; descalçam-no de sapatos e meias conforme o uso; assentam-n'o em cadeira de espaldar e braços, a que se-ligam dois varaes; nem aqui se-podia o corpo suster, que não descaisse inanimado; prendem-lhe portanto as pernas por baixo dos joelhos aos pés da cadeira, e o corpo ao espaldar; desta sorte o-conduzem para a Missa. O prior de Marvão firme a seu lado lhe-assiste segurando-lhe a cabeça: a pallidez de ambos era já extrema.

Findo o Santo Sacrificio, começa a sair o préstito; — são quasi onze horas da manhã — o *largo* da *Cadêa* está cheio de povo: todas as janellas ao longo das ruas do transito apinhadas, o aspecto geral não é já o mesmo que nas scenas da prizão e do Jury: — é de recolhimento e compaixão. — Abrem a marcha a *campainha*, tocando compassadamente, e as *alcôfas*, que giram pedindo e recebendo as esmolas: após a *Misericordia* com o seu *Painel* arvorado, vai o *Crucifixo*, em grande altura, e voltado para traz, como que olhando e chamando a si o arrependido, que sempre na mesma immobilidade, e ligado á sua cadeira, vem conduzido por dois pares de *forçados*, que rojam tristemente os seus grilhões; levam calças de riscado azul, jaquetas brancas, e na mão os seus bonés á caçadora. Seguem-se os *algozes*, de calças e sobrecasacas pretas, colleirinhos derrubados, cabeças descobertas, e nas mãos as suas gorras pretas agaloadas de amarello; aos *algozes* segue a Justiça, (4) a infanteria, marchando sem musica, nem tambores, fecha a procissão, a que tambem acompanha com alas por ambos os lados, em quanto a cavallaria vai abrindo e facilitando a passagem. Ao descer as escadas, e atravessando o pateo do *Limoeiro*, o *réo* nada proferiu; vinha convulso, e como assombrado; ao sair a *porta* cessou o *tremor;* leva os olhos baixos, e quasi fechados; não faz o menor movimento, nem demonstração de coisa alguma: — teme-se que em meio caminho a vida o-desampare: — o Padre *Sales* o-exhorta e interroga incessantemente; nenhum signal dá de si mais do que abrir e fechar os olhos de contínuo. — Ás onze horas chega defronte do *Aljube:* pára-se a descançar; abre os olhos; mostra alguma afflicção; sáe-lhe pela bôca espuma; um irmão da *Misericordia* lh'a limpa com a *alva.* — No *largo de Santo Antonio* parece reflectir por um momento; lança repentinamente a vista para os edificios da direita, d'onde muita gente o-contempla; percebe-se que vai balbuciando.... orações, ou quaesquer outras phrases, que ninguem entende; outra vez nos labios espumas: um dos irmãos da *Misericordia* lhe-aguenta a cabeça que por si pendêra para um e outro lado; o semblante sempre triste e meditativo; os olhos entre-abertos; as palpebras subindo e descendo convulsivamente. — Chega á esquina da *Magdalena;* mostra um vehemente desassocêgo, e afflicção; nova paragem para repouso; perguntam-lhe — que sente ou que deseja? — nem ás instancias do Sacerdote dá resposta; aproximam-lhe aos labios uma pouca de marmellada; repelle-a com força voltando o rosto para o outro lado; presentam-lhe um copo de folha com vinho, regeita-o; cerra os olhos; teme-se que seja aquelle já o transe do passamento, mas vê-se que ainda não é chegado; prosegue-se. — Em face da *Magdalena* pára; o Padre o-exhorta e encommenda; insensivel; não responde com movimento algum ao que se-lhe-diz; aspecto contemplativo; o mesmo contínuo movimento de palpebras; raras vezes lança os olhos para alguma parte e só por momentos. — *Largo do Pelourinho:* observa instantaneamente a praça ou o proprio *Pelourinho;* torna a fechar os olhos; o Padre sente-lhe já morte na corrupção do hálito. — *Rua do Arsenal;* outra vez se-recêa que cesse de existir. — *Largo do Corpo Santo;* sustem muito menos a cabeça; quasi não inculca vitalidade. — Meio dia; chega ao *largo onde commettêra o crime*; é immensa a multidão; ruas, portas, janellas, e os caminhos por cima dos dois arcos, tudo está apinhado. Em cumprimento de uma clausula da sentença dá as voltas á *casa*; e pára no *largo* em frente e a distancia de dez ou doze passos do tôpo d'ella: impõe-se silencio á turba: lê-se-lhe a sentença, o Padre José dos Santos e Silva, da sacada desse tôpo, faz uma breve prática analoga ás circumstancias, e lê a seguinte *declaração*, que já vimos ter sido mandada fazer e approvada e assignada no *Oratorio* pelo proprio *Mattos Lobo.*

---

(4) Não ha ainda muitos annos, que a justiça compunha uma boa parte da procissão: Quarenta e oito, entre Alcaides e Escrivães dos doze Bairros d'esta Cidade, seguiam a Irmandade da Misericordia, trajados de Capa e vólta, calção e meia; levando os Alcaides as suas varas. — Após os Algozes ía o Meirinho das Cadêas, seu Escrivão, e homens da Vara: — e a estes seguia uma lustrosa cavalgada em cavallos soberbamente ajaezados e ornados de fitas e plumas; eram Juizes do Crime, e Corregedores com suas capas de gala, colête e meia branca, chapeo de plumas da mesma cor, e vara na mão.

Hoje basta um Juiz com tres Escrivães bem sumidos, e como que envergonhados, no fundo de duas seges de Praça...

.....

Entendemos, que se é (ao menos por ora) necessaria a *pena capital*, a publicidade, e ao mesmo tempo, sem cerimonia, com que hoje a applicam é summamente censuravel; suplicíem o *criminoso* longe dos olhos do povo, se quizerem; n'esse caso poupar-se-lhe-ha, o que no expectaculo de um homicidio pode haver de máu, e a imaginação obrigada a criar o que os olhos não viram, acompanhará a execução de terrores ainda maiores, um misterio lhe-dobrará a energia; se porem se-julga que o expectaculo real pode ser mais eficaz pa-

Eu, *Francisco de Mattos Lobo*, achando-me no Oratorio da Cadêa do Limoeiro da Cidade de Lisboa, proximo a satisfazer á Justiça Divina e Humana os crimes por mim perpetrados, depois de ter posto em pratica, como christão, os deveres, que me prescreve a Santa Religião de Nosso Senhor Jesus Christo, que professo, e em cuja Fé, e Misterios sempre acreditei, tenho vivido, e quero morrer, julgo do meu dever antes de exhalar o ultimo suspiro da minha vida declarar, — que o crime de assassinio, perpetrado na noite de 25 para 26 de Julho do anno preterito de 1841 na rua de S. Paulo N.º 5 primeiro andar nas pessoas de *D. Adelaide Pereira da Costa*, *Julia Pereira da Costa*, *Emigdio Pereira da Costa*, e *Narciza de Jesus*, foi por mim tão somente perpetrado sem que remota, ou proximamente fosse aconselhado, ou coadjuvado por pessoa alguma. — Que a este acto tão horroroso, e execrando, de que me acho pela Misericordia Divina inteiramente arrependido, e que agora mesmo é o meu maior verdugo, fui repentina e inevitavelmente arrebatado por circumstancias graves de momento, e por força de uma cega e louca paixão, originada de muito antes, mas que tocára então o seu termo. Idéas de roubo nunca em mim houveram: innumeraveis seriam as occasiões de o fazer sem attentados, quem pelos vinculos de parentesco, e antigas relações tinha toda a entrada n'aquella casa, e bem sabia onde se achavam guardados dinheiro, e os mais objectos de valor, que todos lá ficaram. Se me foram encontradas as tres acções do Banco do Porto, foi por as ter levado envolvidas com outros papeis, que me diziam respeito, e que por saber a gavêta, em que se achavam, os extrahi d'ella; e tudo haveria queimado se as Authoridades Civís, e Militares tivessem vindo um pouco depois. Que se até aqui, e em todo o processo da minha defesa, não fiz similhante declaração foi por julgar — que na negação absoluta de ter eu sido author de taes crimes estaria a minha principal defeza. E que se agora n'este momento terrivel, em que Deos me chama a contas, declaro esta verdade, não é por me desculpar; porque inevitavel é já, e mui necessario, para satisfação da Justiça Divina e Humana, que eu soffra a pena; mas tão somente porque ella deve desaffrontar a memoria de meus honrados Paes, que a melhor educação me deram; de meus Mestres, que tanto se desvellaram, por mim, e de meus verdadeiros amigos, de quem nunca recebi máus exemplos. — Desejando pois que a esta minha declaração se dê a maior publicidade possivel, mandei chamar o Reverendo Senhor Padre *José dos Santos e Silva*, Thesoureiro da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres d'esta Cidade, antigo amigo, e depositario dos mais reconditos segredos de meus adorados Paes, e de toda a minha familia, para que faça publicar por todos os meios mais opportunos, e convinientemente esta declaração por mim mandada escrever, e assignada. — Lisboa, Cadêa do Limoeiro 16 de Abril de 1842.

Francisco de Mattos Lobo. (5)

Á leitura seguiu uma breve exhortação do Sacerdote aos pais e mães de familias: tudo esteve o *condemnado* escutando attentamente e com os olhos baixos, que uma só vez a principio os levantou para a janella: via-se, que entendia; e em todo esse prazo manifestou um pouco mais animo. Quando no decurso da declaração se-fallou nas victimas, fez com as palpebras um movimento; o mesmo quando o orador tocou em a boa criação, que na casa paterna recebêra — ¿ quem dirá as duas scenas diversas porque o seu espirito então passaria? Primeiro, vendo-se rodeado de cadaveres (6) de mulheres e crianças na mesma sala, onde, pouco havia, a harpa, o canto, a dança, e a alegria resoavam: — depois, revendo na imaginação as casas, os campos, as pessoas, os objectos mesmo sem nome, da saudosa villa, onde, acariciado de sua mãe, tão ligeiros passou os annos da meninice. — De novo se-abala a procissão: toma pelo *Arco pequeno* direito a *S. Paulo*; aqui recresce a desanimação; faz alguns movimentos com o corpo; indica afflicção e ancias mortaes. — Até ao *largo do Conde Barão* vai immovel: logo adiante ergue a vista como para reconhecer o caminho, torna a abaixal-a.

Entram no *Caes do Tojo da Boa Vista*: para aqui se-transferiu a execução, por ser este dia sanctificado na freguezia de Santa Engracia, districto a que pertence o outro Caes do mesmo nome, em que a *forca* tem posse de largos annos. — Volta os olhos para o mar e por algum tempo se-dilata em contemplal-o; — o mar é um irmão do céo; um emblema e pregão da grandeza e formosura de Deus: — o patibulo..... não o viu; nem tornou por então a lançar olhos a objecto algum. — Uma vasta corôa de tropa abrange a área destinada á execução, e contém, não sem custo, as ondas tumultuosas do povo: as embarcações ao longe cobrem-se até ao alto dos mastros de um enxâme de cabeças: um sol brilhante allumia este quadro magestoso e terrivel. — É uma hora e um quarto da tarde — os Ecclesiasticos desatam das ligaduras o *réo*, que já não parece dar tino delles, e o-levam em braços até aos pés da escada fatal, onde os *verdugos* o-tomam, e o-vão subindo em pêso e insensivel; em quanto chegados aos ultimos degráus um dos *dois* segura a meio corpo o *padecente*, encostado na escada com o rosto para o povo, e o *outro* prende na trave superior o *baraço*, o Prior de Marvão em pé a pequena distancia profere com os olhos levantados para o infeliz e para o céo palavras de esforço, orações inspiradas, em que a fé, a esperança, o amor pareciam estar-se vendo scintillar: no ímpeto sempre crescente do seu zelo — Filho, exclama, filho anima-te e dize nas véras do teu coração, *Jesus*, *valei-me*, *amparai-me*: *Virgem Maria encaminhai a minha alma* — Se era uma súpplica, foi de repente despachada; apenas a articulára, caíu redondamente fulminado de um accidente mortal: acodem-lhe ao pulso, apenas dá tempo para a absolvição; expira. — Ao susurro causado nos assistentes por este acontecimento imprevisto, o *réo* abre os olhos, contempla o seu confessor, que ainda o-foi esperar no outro mundo, e pela derradeira vez os-fecha. O Padre *Salles*, bem que já tambem abalado por tantas commoções violentas, e sobre tudo por esta ultima, toma o pôsto, onde o seu irmão de armas acaba de cair, e sem curar de seu proprio perigo, todo fé, todo caridade, e todo esperança como elle, continúa, e remata a sublime obra. Em quanto elle ora, e exhorta, em quanto o povo falla, e se agita, e o pobre *Simões*, que da escada saltou fazendo o signal da cruz, contempla com piedade o Sacerdote ancião, que sentaram já morto na cadeira, onde viera o condemnado, o velho *algoz* conclue desajudado a sua tarefa: — o longo capuz branco pendente das costas da *alva* já por sua mão desceu a cobrir o rosto da victima, — já emfim se-precipitou com ella e pendem oscillando nos ares — mas porque tudo nos destinos de *Mattos Lobo* tinha de ser insolito — as pernas do *verdugo* resvalaram dos hombros do *padecente*, e viram-se por um largo espaço pendurados ambos da *corda*, *um* pelo pescoço, o *outro* pelas mãos — *um* debatendo-se contra a agonia, o *outro* procurando laboriosamente

---

ra os bons costumes então em vez de lhe-diminuir augmentem-lhe quanto possivel o aparato: este meio termo não fundado em razão alguma de humanidade, nunca poderá passar d'um absurdo.

(5) Esta assignatura é perfeito — *fac simile* — da autographa. Reproduzimol-a para que todos como nós a-admirem. — ¡ Como foi possivel, que em tal estado de corpo e espirito por similhante modo se escrevesse!

(6) Duas unicas vidas escaparam, á destruição d'aquella funesta noite, o cão primeiro denunciante da desgraça de suas donas, e sem o qual talvez o crime ficasse impune, e um papagaio, que inda agora grita desatinadamente por os nomes d'ellas. O Doutor *Resende* conserva o primeiro a quem restituiu a saude, o segundo está na hospedaria por cima das casas onde foi commettido o attentado.

vingar a altura, d'onde a seu salvo o-assoberbasse, — e por largo espaço voltearam encorporados estes dois vultos *alvo* e *negro*, com geral espanto e horror da multidão. — O *negro* alcançou emfim o seu logar, o *branco* proseguíu ainda sob elle a estrebuchar. — O supplicio ¡ coisa horrenda ! durou mais de um quarto de hora. (7)

.....

O corpo do *justiçado* foi conduzido na tumba pelos *serventias da Misericordia*, acompanhado de um Padre, vinte soldados de infanteria, e quatro de cavallaria para o cemiterio de NOSSA SENHORA DOS PRAZERES, e ahi depositado: — para o Prior de *Marvão* não chegou a *Misericordia;* foi levado em *maca* por quatro gallegos obrigados pelos soldados para a sua residencia; de lá para a Igreja de *Santiago;* e della, depois dos officios de corpo presente, onde concorreu numerosa cleresia, para o cemiterio do Alto de s. JOÃO. (8)

O Padre *Salles*, que pelo fim da execução tambem caíra desfallecido, foi trasladado em braços para uma casa, d'onde após alguns soccorros acertadamente ministrados, voltou de sege para o centro de sua familia, que pelas novas, que já na Cidade corriam, o-esperava com anciedade misturada de terror.

As tropas postadas em diversos pontos do transito, antes, e depois da execução, tocavam alegremente as suas musicas.

O theatro da Rua dos Condes n'essa mesma noite cantava a sua linda opera em prosa do *Campo dos Desafios*.(9)

Pelas seis horas da tarde d'esse mesmo dia o corpo de *Francisco de Mattos Lobo*, requerido para exames phrenologicos por dous medicos os Srs. *Pulido e Simas*, veiu do Cemiterio para o theatro anatomico da *Eschola Medico-Cirurgica*. A'cerca das circumstancias d'esta concessão, e do uso que se d'ella tem feito são diversos e inverisimeis os boatos, que á nossa noticia teem chegado. — Relataremos e moralisaremos a verdade quando a soubermos. — O que só até esta hora havemos podido alcançar de mais positivo no assumpto, é — que o exame do cadaver provou evidentemente que o desgraçado morrêra peior morte do que lhe a sentença comminára — asphixiado ou suffocado — pois que nem sequer deslocação de vertebras se lhe-encontrou.

Não importa — em recompensa d'isso os *algozes* íam mui aceados, com as suas gôrras agaloadas, calças e sobrecasacas de lã preta. — Não era trajo como o requer o *officio*, cujo uniforme não passava antigamente de calça e jaquêta verde e coifa na cabeça: estas abas de sobrecasaca foram grandes culpadas na demora do *acto*, mas os *algozes* íam mais elegantes, mais á *móda*, mais parecidos com gente..... O crâneo ainda não está acabado de estudar pelos Srs. *Pulido e Simas*, mas em geral acham n'elle as regiões *intellectual* e *moral* mui rasas, emquanto a *instinctiva* e *animal* attrae logo a attenção pelo vulto dos seus orgãos — o do homicidio ou *destructividade*, segundo a linguagem da arte, sobreleva a todos os outros. O habil artista, Sr. *Legrand*, antes da dissecção apressou-se em tirar o retrato do defuncto até meio corpo, que apparece nú.

Eis-aqui á pressa e diminutamente narrado o que podémos colher ácerca de um assumpto que se por horrivel nos repellia, por *importantissimo* para a sociedade nos impunha a obrigação de lhe não fugirmos. — Tracta-se de um systema penal: tracta-se da vida: — é preciso fazer conhecer a fundo a quem o não sabe (que são quasi todos), *o que é, e como é a pena de morte:* ao povo, para que a tema; aos julgadores, para que a pesem; aos legisladores para que, se não podem aboli-la, a rarêem, e a decotem, quanto possivel, do luxo de seus espinhos. Para a fidelidade do nosso quadro nenhumas diligencias nos poupámos; — respondemos por ella. — A scena do *Oratorio* colhemo-la ponto por ponto de testimunhas ahi presentes, e de cuja fé não duvidamos; tudo o mais desde a saída da prisão até o desfêcho ultimo da tragedia houve quem, a rogos nossos, sem nenhuma especie de interesse particular e só movido do dessejo de nos coadjuvar para o santo fim, que tinhamos a peito, acompanhou desde o primeiro até ao ultimo momento os Sacerdotes e a Irmandade, lançando fielmente por escripto quantas particularidades apontámos: — nós lhe-damos aqui por nós, e no interesse da moral publica um publico testimunho do nosso agradecimento.

Este capitulo, que ahi fica, poderá ainda produzir saudaveis fructos; sobre tudo, porque attentamente meditado em todas suas partes ensinará como as certezas, e até evidencias humanas, não estão isentas de ser tambem entradas e minadas de muitas duvidas. (10)

---

(7) Se cumpre ou não abolir a pena de morte, ponto é summamente controverso. As nações mais adiantadas ainda não chegaram a resolvel-o, que nós tão faltos da instrucção popular, que civilisa e moralisa, e tão distantes ainda da possibilidade de um systema penitenciario, quizessemos destruir para já este castigo, seria a mais grave, a mais perigosa de todas as imprudencias. Se taes utopías se fizessem realidade não tardariam em morrer ellas proprias sob o punhal dos assassinos. Que temos pois que fazer quanto á pena de morte? O mesmo que ha ja muito, ensinou a França, o que provavelmente a Inglaterra, que ainda tambem enforca, não tardará em adoptar. — Substituir o ferro á corda, o momento ao quarto de hora, e a machina ao braço humano.

(8) *João Estacio Morato*, Prior de *Marvão*, era pessoa, segundo nos affirmam, de grandes letras e virtudes. Ignorâmos, e pouco nos importa saber, até que ponto foi partidario de um diverso systema de governo: sabemos unicamente que o seu comportamento n'esta Cidade, não só era bom, senão exemplar: a sua caridade não tinha limites — quanto lhe rendiam a sua *Capelania do Limoeiro*, as lições que dava, de *Latim*, *Rethorica*, *Philosophia*, *Francez*, *Inglez* e *Italiano* — e os seus *Sermões* na Cidade e no campo, tudo era despendido em benificio dos pobres, enfermos e encarcerados — não reservando para si mais do que o indispensavel para parcamente se manter; e ainda para isso se via muitas vezes obrigado a soccorrer-se á meza de algum de seus muitos amigos.

Deixou copiosos additamentos e emendas ao — Diccionario Portuguez, de *Moraes*. — De seus *Sermões*, considerados como eloquencia, nada sabemos dizer, que os não ouvimos; mas consta que eram quasi sempre no severo e grandioso genero das *Missões;* e muitas vezes, no fim delles, era requerido por alguns dos ouvintes para confissões geraes; pessoa que o tractou de perto, as conta por mais de duzentas no discurso destes ultimos tres annos. Quando isto não bastára para louvor e respeito, a morte, e tal morte, como a sua, devêra de sobrar para a indulgencia. Mas, quem n'o crerá? no trabalhoso momento, em que o pobre velho acabava de cair nas mãos de Deus, vozes houve que ressuscitando, inventando, ou encarecendo não sei que erros, delictos ou crimes politicos, applaudiram, rindo, o que a todos cortava de terror; e festejaram o vêl-o acabar pelo menos aos pés da *forca*. — È porque dentro, e misturado com cada povo, anda outro povo, que não é, nem póde ser liberal; que não é, nem sabe ser christão; que não é, nem aspira a ser gente: — differem dos selvagens em trajarem á européa. — ¿E que outro nome quereis que demos, por exemplo, a-quem, porque no largo do patibulo e á hora da execução um dos espectadores cae de cima da méda de pinho, onde trepára para vêr, levanta, e repete gargalhadas estrondosas? — E isso foi tambem neste mesmo memoravel sabbado 17 do corrente Abril. — Selvagens á européa, lhes chamámos, relevem-nos o termo; foi mal, — tamanha injuria não a mereciam os pobres selvagens!

(9) No dia em que a Cidade é forçada a derramar o sangue do cidadão é mister, sob pena de infamia, que a não vejam por festins e expectaculos. Se houve ahi justiça foi para que n'ella se meditasse: se um crime se expiou, foi por meio de uma desgraça, — não ha que tomar o lucto mas ha que orar por um infeliz. Ao meio dia os verdugos, e ás sete e meia os comediantes! — vê-se mas não se acredita.

(10) Se é verdadeira a sciencia dos phrenologos, se pelo menos é certo que o amor physico vem representado pelo orgão, que lhe elles attribuem, parece-nos que ha ahi por onde o nosso antigo conceito ácerca da classificação moral de *Mattos*

¿ Quem ousará hoje com uma das mãos sobre o sepulchro, e a outra sobre a consciencia, affirmar que este homem, que do mundo partiu carregado de abominação, era tão intensamente criminoso, e tão monstro, como todos ha nove mezes o reputavamos? — Não serei eu. —

Antonio Feliciano de Castilho.

HOMICIDIO.

277 Na rua das *Atafonas* deram uma facada a um chamado *Mathias, Capinha*, em consequencia de questões de jogo, (chinquilho.) Parece que o matador se dirigia a outro; o delinquente foi preso, e o ferido morreu.

ASSASSINIOS.

278 A *Revolução de Setembro* annuncía que um sapateiro, das visinhanças da Sé, matara sua mulher com um instrumento do seu officio; e traz mais o seguinte:

De Thomar nos escrevem: — No dia 3 do corrente Abril, foi assassinado José Corrêa de Sá, moço de 18 annos, no logar de Perucha, Concelho de Villa Nova de Ourém, Julgado de Thomar, pelas dez horas da noute, vindo recolher-se mansa e pacificamente para sua casa, e junto á sua porta: sendo esperado de proposito pelo assassino, que era seu visinho, lhe deu tres punhaladas, e evadiu-se com o auxilio da mãi do mesmo, que o mandou vir de proposito da Villa de Ferreira (onde se achava) para fazer aquella morte.

PUBLICAÇÃO LITHOGRAFICA.

279 A Direcção do Museu Pittoresco tem resolvido publicar por subscripção o Retrato de S. M. a Rainha.

O desenho é feito pelo habil retratista = *Mr. Guglielmi* = tirado do natural com o maior esmero, sendo o seu formato o dobro do das *Estampas do Jornal* = Museu Pittoresco. =

As assignaturas para o Retrato de S. M. serão pagas *somente no acto em que forem entregues os respectivos exemplares*, e os Srs. Assignantes podem recusar o recebimento destes, se o Retrato não fôr parecido com o original, em ponto grande, e o melhor que até ao presente se-tem publicado em Portugal.

Os Srs. Assignantes das Provincias, e Ilhas, que ainda enviarem sua assignatura, e a dos seus amigos, do dia 1.º até 25 de Abril, escrevendo neste prazo directamente aos Editores, tem jús a receber as Estampas = *porte gratis* = em casa dos Srs. Agentes da Sociedade do Museu, a quem estas serão enviadas bem acondicionadas, sem dobras, nem manchas.

A Subscripção fica aberta até 30 de Abril do corrente anno, e nesse mesmo dia, se-ha-de realisar a distribuição do Retrato em Lisboa, seguindo-se logo a remessa para todas as Cidades e Villas do Reino, e Ilhas.

A Correspondencia será dirigida = aos Editores do Museu = rua do Loureiro (aos Caetanos) n.º 11, 1.º andar = Lisboa.

Preços, cada exemplar em Lisboa 600 réis, Provincias e Ilhas 640 réis, avulsamente 720 réis.

A Direcção do Museu tem agentes em todas as Cidades e principaes Villas do Reino, e Ilhas Ultramarinas, que ha tempo promovem a subscripção, e em qualquer das agencias que se convencionar serão os exemplares entregues = *porte gratis* = não só aos Srs. Assignantes que já prestaram seu nome, como áquelles que ainda subscreverem na fórma declarada neste Prospecto. *(Communicado.)*

Lobo, se deva modificar. Vemos por uma parte uma tendencia vehemente para os prazeres amorosos, por outra uma confusão de sombras e luzes, que mal permitte determinar affirmativamente a origem daquella noute de sangue. Que perpetrou os assassinios, as provas e a sua confissão o demonstraram; mas que houvesse premeditação já quasi não é verosimil; e o roubo fica pelo menos problematico.

ENVENENAMENTO.

280 O *Correio Portuguez* affirma que se-tentou envenenar toda ou parte da Guarda de Segurança Pública d'Aveiro; que se-propinou o veneno em tamanha dose que por isso mesmo se-descobriu antes de ter produzido mais funestas consequencias; e que tres Sargentos estiveram em grave perigo de vida, e houveram perecido se se-lhes não tivesse acudido a tempo.

A MORTE EM CASA ALEGRE.

281 No dia 1 do corrente foi encontrado morto dentro d'uma adega na Villa de Torres-Vedras um cazeiro por nome José Agostinho. Pelas diligencias e exames a que se procedeu ficou averiguado ter fallecido d'ataque apopletico.

222 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 13 ATÉ 19 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	Termometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
	Min.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
13	45	60	748,3	748,6		²N. ²NO	Cob.º e cl.º — Cl.º e alg. nuv.s: frio e seco; aurora boreal.
14	45	57	49,3	49,2		²NO ²N	Id. pequeno aguaceiro de tarde — Id.
15	42	58	50,2	50,2	5	²O	Cob.º e aguac.º, m.os frios com graniso, e poucos claros — Id.
16	42	59	53,5	53,2	4½	¹O ¹NO	Cl.º e nuvens com pequeno aguaceiro — Id.
17	45	60	51,5	50,8	4/2	²SO O²	Cob.º e chuva branda, com alg. graniso m.º miudo — Id.
18	44	56	50,0	50,2	5	E. ¹NE	Cob.º, e chuva de ag.os mui frios: muito frio, e ar um pouco humido.
19	45	64	52,2	52,5		B ¹NO	Cl.º e nuv.es — trovoada, e grossa saraiva ao N. da cid.e — temperado, e ar mais humido.

Tem continuado com tenaz permanencia o predominio da 1.ª quadra deste mez, sempre fria e chuvosa, mantendo uma temperatura tão aspera como a de Janeiro: o calor médio tem-se conservado em 51 ½, ou 7.º inferior ao calor normal do mez, pelo que são quasi geraes os fortes defluxos, catharros, e até as frieiras se-renovaram em todas as pessoas sujeitas a semelhante incommodo. As chuvas, ainda que repetidas, não tem sido demasiadas em sua quantidade, pois que até hoje não excedem a 57 millimetros, que é com pequena differença a que compete a um mez regular; e por isso muito tem vigorado as plantas, que sem este auxilio teriam perecido exhaustas de humidade, e crestadas pelo frio, utilisando-se especialmente os frutos serodios, pois que os temporães em grande parte pereceram. O graniso que tem cahido misturado com a chuva tem causado algum prejuizo nas arvores de fruta, porém sendo em geral assaz miudo, foi por isso menos avultado o damno.

M. M. Franzini.

Na Imprensa Nacional.